



EDIÇÕES MANDIL



## F I C H A T É C N I C A

Título: A CIDADE ISLÂMICA DE FARO

Autor: FERNANDO PESSANHA

Todos os direitos reservados ao autor

2ª edição: Dezembro 2012

Coordenação editorial - Edições Mandil / 4Águas editora

E-mail: editora4aguas@gmail.com

Esta edição é apresentada em parceria com a Associação Faro 1540

Capa e paginação: Ana Cláudia Silva

Imagem da capa: Fotografia do autor

Impresso por Publidisa

Depósito Legal n.º

ISBN: 978-989-96797-9-5



FERNANDO PESSANHA

# A CIDADE ISLÂMICA DE FARO



EDIÇÕES MANDIL



# ÍNDICE

• Breve Apresentação.....	7
• Introdução.....	9
• Evidências Arqueológicas no Algarve.....	12
• Faro islâmico: uma cidade, vários nomes.....	14
• Referências dos Autores Árabes.....	16
• Breve História da Cidade Islâmica de Faro	
Faro durante a conquista mulçumana.....	19
Faro durante o período emiral – califal.....	23
Faro durante as primeiras taifas.....	28
Faro durante o domínio almorávida.....	31
Faro durante as segundas taifas.....	34
Faro durante o domínio almóada.....	36
Faro durante a conquista cristã.....	39
• Localização.....	43
• As Muralhas.....	49
• A Mesquita.....	55
• A Alcáçova.....	59
• Hamam ou Banhos Públicos.....	63
• Intervenções Arqueológicas	
Horta da Misericórdia.....	67
Quintal da Judiciária.....	72
Arco da Vila.....	75
Espólio Arqueológico.....	78
• Esta é dun miragre que mostrou Santa Maria en Faaron	
quando era de mouros.....	81
Interpretação da cantiga.....	84
Problemática.....	84
• Conclusão.....	87
• Glossário.....	91
• Bibliografia.....	97
• Imagens.....	107



## BREVE APRESENTAÇÃO

A Faro *romano-visigótica*, a Faro *árabo-berbere*, a Faro *lusu-cristã*: avatares de uma mesma cidade que começou por ser Ossónoba, depois se tornou Uxônuba e Santa Maria de Harun, patronímico este último que, como bem explicou o grande erudito farense José Pedro Machado, enfim veio a dar o nome com que a conhecemos.

Ora a Faro do entremeio – a Faro islâmica, entre o meado do século VIII e o meado do século XIII, um significativo lapso de tempo que abarca nada mais nada menos do que o meado de um milénio – é o objecto deste esforçado tentame de sistematização e síntese que, congregando documentos escritos e elementos provenientes das mais actualizadas pesquisas arqueológicas, procura apresentar um quadro sinóptico desse período tão marcante para a identidade da nossa urbe, cabeça do Algarve.

Essa identidade de Faro – condição decisiva para ser uma cidade a que os seus habitantes se sintam afectivamente vinculados, bem como para ser um local atractivo para visitar e nele investir –, essa identidade de Faro reside no seu património histórico-cultural, de que o elemento islâmico é parte integrante. Cabe, por isso, agradecer o aludido esforço do Dr. Fernando Pessanha em no-lo divulgar.

**António Rosa Mendes**

(Centro de Estudos de Património e História do Algarve / CEPHA)





## INTRODUÇÃO

O Algarve foi, durante a proto-história, a região do território actualmente português onde mais rapidamente chegaram as novidades culturais e tecnológicas exteriores ao mundo peninsular. Esta particularidade foi determinada pelos contactos com os povos do Mediterrâneo oriental - como fenícios, gregos e cartagineses -, tal como podemos confirmar pelos estudos arqueológicos, ou pela leitura das fontes históricas, como o périplo massaliota do séc. VI a. C. que Rufus Festus Avienus usou na sua *Ora Marítima*, ou ainda as descrições de Herodoro de Heracleia, Éforo ou Artemidoro de Éfeso.

Com o fim da segunda guerra púnica, que opôs Roma a Cartago, os romanos começaram a estabelecer-se no Algarve, tornando-se este um território rapidamente romanizado e desenvolvido no contexto peninsular, onde o comércio, urbanismo e o sistema jurídico ganharam contornos nunca antes conhecidos na região. Este desenvolvimento está atestado não somente pelos estudos arqueológicos, como também pelas fontes históricas, como os escritos de Estrabão, Pomponius Mela, *Caius Plinius Secundus* ou *Claudius Ptolomeu*, autores que viveram durante o período romano, e que nos dão referências de carácter geográfico, histórico e etnográfico do Algarve entre o séc. I a. C. e o séc. II d. C.<sup>1</sup>

Com a queda do Império Romano do Ocidente, em 476,

<sup>1</sup> BARATA, Maria Filomena, "O *Promontorium Sacrum* e o Algarve Entre os Escritores da Antiguidade", in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, pp.117-133; PESSANHA, Fernando, "O Algarve nas Fontes da Antiguidade", in *Jornal do Baixo Guadiana*, Nº 133, Junho de 2011, p.21.

os antigos povos hispânicos e visigodos continuaram, de certa forma, a considerar-se romanos, uma vez que a sua organização social, o seu sistema jurídico e os critérios de planeamento urbano pouco diferenciavam do sistema romano. O tempo das grandes novidades culturais chegaria apenas com a invasão muçulmana da Península Ibérica, nos inícios do séc. VIII. Em 27 de Abril de 711, Tarik Ali Ibn Ziyad atravessa o Estreito de Gibraltar com tropas árabes e berberes e desembarca em Tarifa. Em 31 de Julho de 711 as suas tropas vencem a batalha de Guadalete frente ao exército visigodo do rei Rodrigo<sup>2</sup>. São várias as versões acerca do fim do último rei visigodo. Algumas fontes referem que Rodrigo terá morrido durante a batalha, outras fontes referem que se afogou num rio<sup>3</sup>. Investigadores como António Borges Coelho ou Helena Catarino referem simplesmente que o rei visigodo desapareceu durante a batalha<sup>4</sup>. A verdade é que se desconhece o fim do último rei visigodo. Alguns cronistas cristãos chegaram ao ponto de mencionar a existência de uma lápide numa igreja de Viseu que dizia: "*Esta es la tumba de Rodrigo, último rey godo*"<sup>5</sup>. Porém, no caso de Rodrigo ter sobrevivido e tentado organizar a resistência contra a conquista muçulmana, tal não se veio a verificar, e desta maneira terminam os três séculos de História Visigoda, iniciados com o saque de Roma e concluídos na tremenda Batalha de Guadalete.

A rápida conquista muçulmana foi essencialmente poten-

<sup>2</sup> COELHO, António Borges, *Donde Viemos*, p.134; MASIÁ, Concha, *Al-Andalus – 800 Años de Lucha*, pp.17-20; GALÁN, Juan Eslava, *Califas, Guerreros, Esclavas y Eunucos – Los moros en España*, pp.15-18; KENNEDY, Hugh, *Os Muçulmanos na Península Ibérica – História Política do Al-Andalus*, pp.28-30.

<sup>3</sup> TAHIRI, Ahmed, *Fath al-Andalus y la incorporación de Occidente a Dar al-Islam*, p.119.

<sup>4</sup> COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, p.88; CATARINO, Helena, "A Ocupação Islâmica", in *História de Portugal Volume III - O Mundo Luso Romano (II) Portugal Medieval (I)*, p.269.

<sup>5</sup> TAHIRI, Ahmed, *Fath al-Andalus y la incorporación de Occidente a Dar al-Islam*, p.120.

ciada pela instabilidade política e social causada pelas lutas entre a monarquia visigoda e pelo apoio das comunidades judaicas, descontentes com as perseguições de que eram alvo<sup>6</sup>. Um outro factor a ter em consideração reside na fácil aceitação do islão por parte das populações peninsulares, talvez devido às lutas entre cristãos arianos e cristãos católicos.

Em 718 já estavam conquistadas todas as regiões da zona ocidental da Andaluzia, inclusive "as cidades de Ossonoba, Balsa, Lacóbriga e Ipses"<sup>7</sup>. Todavia, é possível que as novas realidades culturais tivessem começado a chegar à antiga cidade de Faro, a Ossónoba romana-visigótica, a partir de 712, altura em que a cidade deverá ter sido conquistada, passando a ser uma comarca administrativa e militar governada pelo árabe-iemenita Abû Sabah al-Yamani<sup>8</sup>.

A cidade islâmica de Faro, Uqxûnuba, começa entretanto a ser mencionada pelas fontes árabes através da literatura de viagens, *masalik wa-a-mamalik*, ou seja; "Os caminhos e os reinos", muito em voga entre os séculos IX e XIV, nas cortes do mundo árabe de então. É exactamente nestas fontes que encontramos inúmeras referências ao al-Gharb e particularmente à antiga cidade de Faro, a Uqxûnuba islâmica. Por outro lado, as várias prospecções e escavações arqueológicas que se têm vindo a realizar desde 1933<sup>9</sup>, têm permitido aprofundar o nos-

<sup>6</sup> Os judeus, perseguidos ou convertidos à força, revoltavam-se ou fugiam para o norte de África, onde os muçulmanos lhes conferiam liberdade de culto. Os que ficaram na Península Ibérica viram com bons olhos a mudança que representava a chegada dos muçulmanos. Ver LEWIS, Bernard, *Os Árabes na História*, p.137; LOPES, David, "O Domínio Árabe", in *História de Portugal*, Vol. I, p.408.

<sup>7</sup> GAMITO, Teresa Júdice, *O Algarve e o Magreb*, p. 17.

<sup>8</sup> AMARAL, Maria da Conceição, *Caminhos do Gharb – Estratégia de interpretação do património islâmico no Algarve: O caso de Faro e de Silves*, p.58. Ver também DOMINGUES, José Garcia, "Homens Célebres e Famílias Ilustres do Algarve na Época Árabe", in *3º Congresso do Algarve*, p. 78.

<sup>9</sup> ÁLVARO SÁNCHEZ, Rócio, "Luces y sombras en el Faro musulmán. En torno a algunos aspectos de la tipología cerámica del sondeo 1/AO68/UE 101 del museo Faro", in *Xelb 9 – 6º Encontro de Arqueologia do Algarve*, p.448.

so conhecimento relativamente às estruturas urbanas, à economia e ao *modus vivendi* das populações que habitaram Faro durante o domínio muçulmano. O presente trabalho pretende, portanto, não só assinalar os 1300 anos do início do domínio islâmico na cidade de Faro e no Algarve, como também esclarecer de uma forma clara e resumida a presença islâmica na cidade, recorrendo aos estudos arqueológicos e às fontes escritas que subsistiram até aos nossos dias. Alertamos ainda para o facto de este trabalho não pretender ser conclusivo, muito pelo contrário. Esperamos que seja o primeiro de muitos outros trabalhos que ajudem a recuperar o passado histórico-cultural da nossa região e da sua capital de distrito.

## Evidências Arqueológicas no Algarve

Apesar dos quinhentos e cinquenta anos de domínio muçulmano no Algarve, não são demasiado significativas as evidências arqueológicas quando comparadas com a monumentalidade de algumas estruturas representativas deste período, como a grande mesquita de Córdoba, o Alcazar de Sevilha ou a Alhambra de Granada. Vários poderão ser os factores que assim o determinaram, como o ímpeto cristão da conquista ou os vários terremotos que flagelaram o Algarve; basta recordarmos a violência do terremoto de 1755 e de que modo arrasou a região. Contudo, um outro factor deve ser tido em consideração; o carácter marginal e periférico do Algarve, não só no mundo muçulmano, como no contexto do al-Andaluz. Este carácter periférico da região, algo distante dos centros de poder, como Córdoba ou Sevilha, acabou naturalmente por se fazer sentir na ausência de grandes estruturas representativas do domínio islâmico no Gharb. Desta feita, talvez estes três factores tenham sido determinantes no que se refere à relativa escassez de evi-

dências arquitectónicas quando comparados com alguns exemplos existentes em alguns pontos da Andaluzia. No entanto, as evidências não são absolutamente inexistentes. Existem alguns vestígios de construções militares importantes, nomeadamente os castelos almóadas de Loulé, Salir, Albufeira ou Paderne, os vestígios do ribat da Arrifana, e as várias torres de vigia ao longo da costa. De assinalar são também o poço cisterna do museu de Silves, a cisterna omíada da Rua do Castelo de Silves, para além das pequenas aldeias ou alcarias espalhadas um pouco por todo o Algarve, e as lápides funerárias e elementos de arquitectura islâmica que se encontram em diversos museus regionais. De resto, as influências que ainda subsistem da arte e arquitectura islâmica no Algarve são de épocas posteriores, nomeadamente da arte mudéjar e manuelina, nos finais do séc. XV e princípios do XVI e, mais recentemente, no romantismo e revivalismo da segunda metade do séc. XIX e inícios do séc. XX<sup>10</sup>. No contexto da arquitectura neo-islâmica em Faro devemos ainda referir a fachada do Matadouro Municipal, com o seu pórtico em arco de ferradura, ou o esplendoroso edifício do Banco de Portugal<sup>11</sup>, onde o neo-islâmico e o neo-manuelino se cruzam de forma bela e harmoniosa.

<sup>10</sup> LAMEIRA, Francisco, *Faro - A Arte na História da Cidade*, pp.99-103.

<sup>11</sup> O edifício do Banco de Portugal, em Faro, foi projectado pelo arquitecto Adaes Bermudes. Construído em 1926, é considerado um importante testemunho da arquitectura revivalista neo-islâmica e neo-manuelina.



**Fig. 1** – Fachada do antigo matadouro municipal

**Fig. 2** – Fachada do edifício do Banco de Portugal

## Faro islâmico: uma cidade, vários nomes

Com efeito, a cidade de Faro já conheceu vários nomes ao longo dos tempos, o que tem mesmo gerado algumas confusões por parte dos investigadores que sobre a história da cidade se têm debruçado. As várias designações que a cidade foi adquirindo chegaram mesmo a fazer com que se situasse a cidade romana de Ossónoba em Estói ou até mesmo em Estômbar. De modo a evitar futuras confusões façamos, portanto, uma breve retrospectiva acerca das várias designações que a cidade já teve, seguindo para tal um critério cronológico.

A ocupação humana em Faro remonta à proto-história, como pode ser comprovado por sondagens arqueológicas realizadas no centro histórico de Faro<sup>12</sup>. Já foi defendido que o nome romano de Ossónoba deriva do fenício Osson Êbá (armazém

<sup>12</sup> PAULO, Dália, "As sondagens Arqueológicas Realizadas na Antiga Fábrica da Cerveja de Faro", in *Anais do Município de Faro*, Vol. 1999/2000, pp.17-85; PEREIRA, Angelina, "Terra Sigillata do Largo da Sé – Faro", in *Anais do Município de Faro*, Vols XXXI – XXXII, pp.63-64.

do juncal)<sup>13</sup> e reporta-se ao período em que foi estabelecido um entreposto comercial no morro da Sé, ou seja, por volta do séc. VIII – VII a.C. Pelo menos Vasco Gil Mantas refere que Ossónoba reúne numerosas características que incluem o espaço na tipologia dos estabelecimentos fenício-púnicos<sup>14</sup>.

À cidade de Ossónoba referem-se ainda os autores da antiguidade, nomeadamente os autores do período romano como Estrabão, *Pomponius Mela*, *Caius Plinius Secundus*, *Claudius Ptolomeus* ou o célebre Itinerário de Antonino. Durante o domínio visigótico e os primeiros séculos de domínio islâmico o nome de Ossónoba manteve-se.

No artigo de José Garcia Domingues intitulado *Ossónoba na Época Árabe*, que podemos encontrar no volume III dos *Anais do Município de Faro*, está presente um levantamento dos autores árabes que se referem a Ossónoba, ao seu território e às várias formas que o nome da cidade foi tomando. Segundo o autor, podemos seguir a vida de Uqxûnuba, transcrição árabe do seu nome latino *Ossonoba*, “até ao séc. X, altura em que o seu nome muda para o de Santa Maria, assim como, no séc. XI, para o de Santa Maria de Hárune e, no séc. XIII, para simplesmente Faro”<sup>15</sup>. O respectivo artigo baseia-se na literatura de viagens, género conhecido por *masalik wa-a-mamalik*, isto é; “Os Caminhos e os Reinos”<sup>16</sup>, muito em voga entre os eruditos árabes dos séculos IX a XIV. De resto, é frequentemente aceite que o actual nome de “Faro” deriva do nome do reino taifa fundado

<sup>13</sup> PAULA, Rui M. & PAULA, Frederico, *Faro, Evolução Urbana e Património*, pp.11-13.

<sup>14</sup> MANTAS, Vasco Gil, “As *Civitates*: Esboço da Geografia Política e Económica do Algarve Romano”, in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, pp.295-296.

<sup>15</sup> DOMINGUES, José Garcia, *Ossónoba na Época Árabe*, p. 5. Ver Também NUNES, M. C. Vieira Calado Teixeira, “Faro: O Passado e o Presente Muçulmano”, in *Anais do Município de Faro*, N. XVII, p.31; GAMITO, Teresa Júdice, “A cidade de *Ossonoba* e o seu território envolvente”, in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, pp.344-245; MARQUES, A.H. de Oliveira, *História de Portugal - Volume I - Das Origens ao Renascimento*, p.112.

<sup>16</sup> GAMITO, Teresa Júdice, *III Jornadas de Silves - 20, 21, 22 de Outubro de 1995 - Actas*, p. 17.

por Mohâmede ibne Saíde ibne Harun, que governou a cidade até 1042 ou 1043<sup>17</sup>, pois a designação medieval que aparece em documentos como a cantiga de Afonso X de Castela, *Esta é dun miragre que mostrou Santa Maria en Faaron quando era de mouros*, será seguramente a transcrição cristã do nome árabe original. Segundo a arqueóloga Teresa Gamito, al-Harun foi o rei mouro que, "vendo-se aflito para providenciar alimento fresco para a sua população, não teve qualquer problema em invocar Santa Maria, padroeira dos cristãos, para o ajudar. O milagre deu-se e a cidade de Uxkûnuba passou a designar-se por Santa Maria de Harun"<sup>18</sup>.

## Referências dos Autores Árabes

Foram vários os autores árabes que nos deixaram registos das suas impressões sobre a geografia do al-Andaluz e, nomeadamente, sobre a presença islâmica na cidade de Faro. Desde o princípio da sua ocupação que o al-Andaluz parece ter atraído a atenção de numerosos eruditos muçulmanos que, através dos seus relatos de viagens, puderam revelar nos seus longínquos países de origem as paisagens, as riquezas e encantos das terras visitadas. Com efeito, José Garcia Domingues apresenta-nos uma ampla variedade de descrições de vários geógrafos, histo-

<sup>17</sup> Não se sabe ao certo quando se deu o início do domínio dos Harun em Faro, pelo que já várias datas foram sugeridas. Natália Laranjinha, por exemplo, situa o domínio desta família entre 1016 e 1043. Ver LARANJINHA, Natália, "A Poesia no Séc. XI: O exemplo de ibn Harun", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XXVI, p.146. Ver também NUNES, M. C. Vieira Calado Teixeira, "Faro: O Passado e o Presente Muçulmano", in *Anais do Município de Faro*, N. XVII, p.146. Ver também as datas avançadas por COUTINHO, Valdemar, *Centros Históricos de Influência Islâmica*, p.6; MAGALHÃES, Natércia, *O Legado Arquitectónico Islâmico no Algarve – El Legado Arquitectónico Islâmico en el Algarve*, p.53.

<sup>18</sup> GAMITO, Teresa Júdice, "O Papel das Torres de Vigia na Defesa de Faro", in *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica*, p.843.



riadores e biógrafos orientais, entre os quais o geógrafo do séc. IX, Iacúbi que, no seu livro *Kitâb Al-Buldân*, fala-nos claramente da cidade de Ossónoba quando diz, depois de se ter referido a Lisboa: "A ocidente desta, junto do mar, também, fica a cidade a que chamam Ossónoba"<sup>19</sup>.

Também o geógrafo oriental do séc. X, Alistácri, refere-se a Ossónoba da seguinte maneira: "O Andaluz está rodeado com o que confina com o mar envolvente desde o Extremo da Terra da Galiza até ao destino de Santarém. Seguem-se-lhe Ossónoba, Sevilha, Sidónia, a Península de Gibraltar, Málaga, Pechina, a Terra de Múrcia, a Terra de Valência e Tortosa"<sup>20</sup>.

Um outro geógrafo oriental do séc. X, Ibne Háucal, discípulo de Alistácri, escreve no seu livro, *Kitâb S:Ûrat Al-Ard*, a propósito de Ossónoba: "De Lepe a Ossónoba, cidade famosa, grande, rica em produtos em que é abundante, são 4 dias. E de Ossónoba à cidade de Silves são seis dias"<sup>21</sup>.

De modo geral, para estes autores orientais, Ossónoba era uma cidade próspera, famosa e rica em produtos, embora esta designação denomine também a província a que serve de capital<sup>22</sup>. Já no século XVI referia o historiador muçulmano al-Maqqari que Uqxûnuba era nome de distrito e de cidade<sup>23</sup> e, já no séc. XX, escrevia a arqueóloga Teresa Gamito: "*Among the arabs, the name Uqxûnuba was applied to two different concepts. It could refer to the region (...) or the town of Uqxûnuba,*

<sup>19</sup> IACÚBI, *Kitâb Al-Buldân*, transcrito de DOMINGUES, José Garcia, *Ossónoba na Época Árabe*, p.9.

<sup>20</sup> ALISTÁCRI, *Masalik Wa-a-Mamalik*, transcrito de DOMINGUES, José Garcia, *Ossónoba na Época Árabe*, p.9.

<sup>21</sup> IBNE HÁUCAL, *Kitâb S:Ûrat Al-Ard*, transcrito de DOMINGUES, José Garcia, *Ossónoba na Época Árabe*, p.10.

<sup>22</sup> DOMINGUES, José Garcia, *Ossónoba na Época Árabe*, p.10. Ver também VIANA, Abel, "Ossónoba – O problema da sua localização", in *separata do Volume LXII da «Revista Guimarães»*, p.19.

<sup>23</sup> DOMINGUES, José Garcia, *Portugal e o al-Andaluz*, p.95.

*in its strict sense*"<sup>24</sup>. E que dizer da historiografia marroquina? Será que para os historiadores marroquinos nossos contemporâneos Ukkûnuba era igualmente nome de distrito e de cidade? Sim. Para o catedrático Ahmed Tahiri, por exemplo, Ukkûnuba figurava durante as épocas do emirado e do califado como "capital da cura conhecida pelo mesmo nome"<sup>25</sup>.

Também existe uma multiplicidade de fontes referentes a autores muçulmanos ocidentais, entre os quais Ahmed Al-Râzi, Ibne Alcotia, Ibne Alfarádi ou al-Idrisi. Como exemplo, podemos apontar a descrição que nos faz Ahmed al-Râzi<sup>26</sup>, no séc. IX/X: "O território de Lisboa confina com o de Ossónoba. Ossónoba fica a oriente de Lisboa e a ocidente de Córdova. O seu terreno é plano, muito cultivado, com várias espécies de árvores frutíferas e abundância de produtos. Há nela montanhas propícias à criação de gado e águas correntes. Nela se praticam intensamente a caça e a pesca. É rodeada em toda a sua extensão pelo mar, com ilhas onde se pode ir de barco. Nelas existem belas hortas de regadio e fontes de água límpida. Há nela muitos pinhais, o seu território é dos melhores, comparado com os de igual tamanho. Do mar que a rodeia extrai-se âmbar. Sob o seu senhorio encontram-se as cidades como Silves que é a mais importante do ocidente. Os muçulmanos não têm no ocidente, depois de Sevilha, cidade como essa. Está construída junto de um rio e até ela chega a maré. Entre ela e Santarém a viagem dura 4 dias. Entre ela e Córdova, a cavalo, 9 dias. Ossónoba tem muitas cidades

<sup>24</sup> GAMITO, Teresa Júdice, "Ukkûnuba and its territory", in *Portugal, Espanha e Marrocos – O Mediterrâneo e o Atlântico*, p.133.

<sup>25</sup> TAHIRI, Ahmed, *Cacela e o seu poeta Ibn Darraj al-Qastalil na História e Literatura do Al-Andaluz*, p.34.

<sup>26</sup> Al-Râzi exerceu uma influência profunda e duradoura na historiografia portuguesa. Ver LAVAJO, Joaquim Chorão, "A Crónica do Mouro Rasis e a historiografia portuguesa medieval", in *Estudos Orientais II – O Legado Cultural de Judeus e Mouros*, pp.127-154. Ver também DOMINGUES, José Garcia, *Portugal e o al-Andaluz*, pp.88-89.

e fortalezas”<sup>27</sup>.

Podemos ainda apontar uma outra descrição dos inícios do séc. XII, do geógrafo al-Idrisi: “*Santa Maria do Gharb está edificada na orla do oceano e as suas muralhas são banhadas pelas águas da maré cheia. É de extensão mediana e muito bela. Tem uma mesquita catedral, uma mais pequena e uma capela. Ali chegam e dali partem navios. A região produz muitos figos e passas*”<sup>28</sup>.

## Breve História da Cidade Islâmica de Faro

### Faro durante a conquista muçulmana

Tal como o catedrático Ahmed Tahiri bem observou, a cidade hispano-romana de *Ossonoba* figurou como importante núcleo urbano até à conquista islâmica do al-Andaluz<sup>29</sup>. É possível que a cidade tenha mantido a sua importância durante o domínio visigodo, já que se apresentava como “*proeminente sede de bispado*”<sup>30</sup>. Aliás, basta recordar que já no concílio liberitano,

<sup>27</sup> AHMED AL- RÂZI, *Descrição do Al-Andaluz*, transcrito de GAMITO, Teresa Júdice, *III Jornadas de Silves - 20, 21, 22 de Outubro de 1995 – Actas*, pp.20-21. Ver também TORRES, Cláudio, “O Al Garbe”, in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, p.432.

<sup>28</sup> TORRES, Cláudio & MACIAS, Santiago, *O Legado Islâmico em Portugal*, p.195. Ver também TORRES, Cláudio, “O Al Garbe”, in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, p.435; NUNES, M. C. Vieira Calado Teixeira, “Faro: O Passado e o Presente Muçulmano”, in *Anais do Município de Faro*, N. XVII, p.38.

<sup>29</sup> TAHIRI, Ahmed, *Cacela e o seu poeta Ibn Darraj al-Qastalil na História e Literatura do Al-Andaluz*, p.34. Ver também MARQUES, A. H. de Oliveira, *História de Portugal, Volume I Das Origens ao Renascimento*, p.112.

<sup>30</sup> VIANA, Abel, “Ossónoba – O problema da sua localização”, in *separata do Volume LXII da «Revista Guimarães»*, p.17. Ver também NUNES, M. C. Vieira Calado Teixeira, “Faro: O Passado e o Presente Muçulmano”, in *Anais do Município de Faro*, N. XVII, p.31; DOMINGUES, José Garcia, “Homens Célebres e Famílias Ilustres do Algarve na Época Árabe”, in *3º Congresso do Algarve*, p.78.

entre 301 e 305, estava referido Vicente, bispo de Ossónoba<sup>31</sup>. Contudo, e apesar da importância de Ossónoba no contexto do ocidente peninsular de então, não sabemos ao certo em que ano se terá dado conquista muçulmana.

Segundo a historiografia tradicional, depois de Tarik Ali Ibn Ziyad atravessar o Estreito de Gibraltar e vencer a batalha de Guadalete frente ao exército visigodo do rei Rodrigo, em 711, foi a vez do próprio governador do Norte de África, Musa ibn Nusair, deslocar-se ao al-Andaluz com um exército de cerca de 18000 soldados, desta vez composto na sua maioria por árabes<sup>32</sup>. É então iniciada a conquista da Andaluzia ocidental e do sul da Lusitânia? É possível que as cidades da zona ocidental da Andaluzia como *Balsa*, *Lacobriga*, *Ipses* e *Ossonoba*, tenham sido anexadas depois de conquistados os núcleos urbanos hispano-visigodos de maior importância, como Sevilha, tomada pela força em Julho/Agosto de 712<sup>33</sup>. De resto, este é um assunto meticulosamente abordado por José Garcia Domingues em *Ossónoba na Época Árabe*<sup>34</sup>. Da mesma forma, também Helena Catarino – talvez por influência de Domingues - refere ter sido por esta altura que Abd al-azir<sup>35</sup>, filho do governador do Norte de África, Musa ibn Nusair, terá conquistado definitivamente o Algarve<sup>36</sup>. Contudo, novas interpretações têm surgido nos úl-

<sup>31</sup> PAULA, Rui M. & PAULA, Frederico, *Faro, Evolução Urbana e Património*, p.16. Ver também PEREIRA, Angelina, "Terra Sigillata do Largo da Sé – Faro", in *Anais do Município de Faro*, Vols XXXI – XXXII, p.65.

<sup>32</sup> Se os exércitos de Tarik trouxeram grande número de berberes à Península Ibérica, com Musa chegaram os principais grupos da aristocracia árabe. Ver CATARINO, Helena, "A Ocupação Islâmica", in *História de Portugal Volume III - O Mundo Luso Romano (II) Portugal Medieval (I)*, p.276; KENNEDY, Hugh, *Os Muçulmanos na Península Ibérica – História Política do Al-Andaluz*, p.30.

<sup>33</sup> SÁNCHEZ MANTERO, Rafael, *Historia Breve de Sevilla*, p.38; KENNEDY, Hugh, *Os Muçulmanos na Península Ibérica – História Política do Al-Andaluz*, p.30.

<sup>34</sup> DOMINGUES, José Garcia, *Ossónoba na Época Árabe*, pp.25-27.

<sup>35</sup> Abd al-azir tornou-se no primeiro governador do al-Andaluz, com título de vali e residência na cidade de Sevilha.

<sup>36</sup> CATARINO, Helena, "A Ocupação Islâmica", in *História de Portugal Volume III - O Mundo Luso Romano (II) Portugal Medieval (I)*, p.273.

timos tempos. Segundo *Fath al-Andalus y la incorporación de Occidente a Dar al-Islam*, do catedrático Ahmed Tahiri, não terá sido Musa ibn Nusair a conquistar Sevilha pela força, mas sim Tarik Ali Ibn Zyad, mediante um acordo de capitulação onde estaria previsto o pagamento de um tributo<sup>37</sup>. Ora, a verdade é que a História é frequentemente escrita pelos vencedores, ou pelo lado mais forte... Sendo Tarik Ali Ibn Zyad um subalterno de Musa ibn Nusair, não seria digno se aquele ficasse com toda a glória, pelo que, segundo as fontes, terá sido Musa ibn Nusair e o seu filho a submeter a *kura* de Ossónoba. No entanto, estarão as fontes correctas? Ou terão as crónicas sido redigidas de acordo com "*as conveniências políticas de Musa ibn Nusair*"<sup>38</sup>?

De um modo geral, as populações cristãs da Península Ibérica que foram submetidas pelos muçulmanos podem ser divididas em dois grupos: as conquistadas pela força das armas, principalmente as da planície andaluza; e as que na sequência dessa conquista, vendo a impossibilidade da luta, se renderam por capitulação<sup>39</sup>. É provável que a conquista de *Ossonoba* se tenha dado através de negociações entre os governadores hispano-godos e os invasores muçulmanos, sem recurso à força. Fundamentamos esta teoria na medida em que muito dificilmente as forças da cidade conseguiriam resistir ao exército de Abd al-azir, ou mesmo ao exército de Tarik. Por outro lado, data de 713 o mais antigo documento hispano-muçulmano conhecido: o tratado de Teodomiro<sup>40</sup>, pelo que se torna verosímil que outras cidades hispano-godas, como *Ossonoba*, tenham encetado semelhantes negociações para a capitulação a favor dos governantes muçulmanos. Tal como podemos ler em

<sup>37</sup> TAHIRI, Ahmed, *Fath al-Andalus y la incorporación de Occidente a Dar al-Islam*, pp.121-122.

<sup>38</sup> PESSANHA, Fernando, "O início do domínio islâmico no Algarve (Foi há 1300 anos...)", in *Postal do Algarve*, N°1085, 3 de Agosto de 2012, p.9.

<sup>39</sup> LOPES, David, "O Domínio Árabe", in *História de Portugal*, Vol. I, p.407.

<sup>40</sup> Trata-se de um tratado assinado pelo conde Teodomiro e onde estão presentes os termos da capitulação cristã.

*Al-Andalus 800 Años de Lucha: "En vista de como estava la situación, la nobleza goda optó por lo más práctico: intentar pactar com los nuevos señores y salvar, en lo posible, sus vidas y haciendas"*<sup>41</sup>.

Ora, é bem provável que os governantes de *Ossonoba* tenham procedido do mesmo modo, de maneira a salvaguardarem os seus interesses, pois temos conhecimento das facilidades concedidas a cidades como Santarém ou Coimbra, tomadas por capitulação<sup>42</sup>. O mais provável é que tanto a cidade como a região de *Ossónoba* tenham sido anexadas depois de conquistado o núcleo urbano de maior importância, ou seja: Sevilha. Por outro lado, se a conquista de Sevilha se deu efectivamente em Julho/Agosto de 712, é possível que a região do Algarve tenha sido anexada por capitulação no mesmo verão<sup>43</sup>, razão pela qual o presente trabalho visa assinalar os 1300 anos do início do domínio islâmico em Faro e na região do Algarve.

Com o domínio islâmico, *Ukxûnuba* passou a ser uma comarca administrativa e militar, governada por Abû Sabah al-Yamani<sup>44</sup>, o chefe supremo dos iemitas que se viriam a estabelecer entre Sevilha e Silves. É provável que Abû Sabah al-Yamani tenha feito parte do exército que acompanhou Musa ibn Nusair à Península Ibérica e que tenha sido incumbido de anexar a cidade de *Ossonoba* às conquistas muçulmanas. Porém, e apesar de ter sido nomeado valí de *Ukxûnuba* e da província com o mesmo nome, deslocou-se depois para a alcaria de Mora, perto

<sup>41</sup> MASIÁ, Concepción, *Al-Andalus – 800 Años de Lucha*, p. 23.

<sup>42</sup> CATARINO, Helena, "A Ocupação Islâmica", in *História de Portugal Volume III - O Mundo Luso Romano (II) Portugal Medieval (I)*, p.275.

<sup>43</sup> PESSANHA, Fernando, "O início do domínio islâmico no Algarve (Foi há 1300 anos...)", in *Postal do Algarve*, N°1085, 3 de Agosto de 2012, p.9.

<sup>44</sup> DOMINGUES, José Garcia, "Homens Célebres e Famílias Ilustres do Algarve na Época Árabe", in *3º Congresso do Algarve*, p. 78; AMARAL, Maria da Conceição, *Caminhos do Gharb – Estratégia de interpretação do património islâmico no Algarve: O caso de Faro e de Silves*, p. 58.

de Sevilha<sup>45</sup>.

Segundo a publicação do Instituto Português do Património Arquitectónico, *O Legado Arquitectónico Islâmico no Algarve*, os primeiros testemunhos à cidade de Faro durante o período islâmico correspondem ao século VIII e são as referências ao assentamento de um acampamento militar egípcio na área de *Ossonoba*<sup>46</sup>. Com efeito, a partir de 740-741, perante as revoltas locais, foram enviados novos reforços militares que, vindos da Síria e do Egito, chegam em 743, pelo que data dessa altura a primeira divisão do território em circunscrições militares, cabendo ao contingente do Egito o distrito de Uxûnuba<sup>47</sup>.

### Faro durante o período emiral - califal

A partir de 747-750, uma nova época se inicia para o mundo muçulmano. O poder omíada, na Síria, sucumbe perante os abássidas, que perseguem e assassinam os familiares do califa de Damasco. É então que um dos netos do califa, Abdal Raman ibn Muawiya, consegue fugir do massacre e chegar à Península Ibérica em 755. Angariando apoiantes entre os árabes e berberes, faz-se aclamar emir na mesquita de Córdova, em 14 de Maio de 756<sup>48</sup>.

Não obstante os seus 32 anos de reinado, a sua autoridade foi contestada, tendo-se verificado algumas revoltas de âmbito regional. Em 763, por exemplo, o chefe árabe Al Ala ibn Mughith, recém-nomeado governador do al-Andaluz pelo califa abássida,

<sup>45</sup> NUNES, M. C. Vieira Calado Teixeira, "Faro: O Passado e o Presente Muçulmano", in *Anais do Município de Faro*, N. XVII, p.33.

<sup>46</sup> MAGALHÃES, Natércia, *O Legado Arquitectónico Islâmico no Algarve – El Legado Arquitectónico Islâmico en el Algarve*, p.51.

<sup>47</sup> CATARINO, Helena, "Castelos Muçulmanos do Algarve", in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, p.450; LOPES, David, "O Domínio Árabe", in *História de Portugal*, Vol. I, p.407.

<sup>48</sup> KENNEDY, Hugh, *Os Muçulmanos na Península Ibérica – História Política do Al-Andaluz*, pp.49-50.

desencadeia uma revolta contra o emir omíada, no distrito de Beja e todo o sul de Portugal, pelo que também em Uqxûnuba se terão hasteado as bandeiras negras dos abássidas<sup>49</sup>. Também em meados do séc. IX, ibn Marwan inicia um período de rebelião contra o poder central empreendendo incursões numa vasta área do Gharb al-Andaluz. Desta feita, é atacada Sevilha, Niebla e as "*planícies limítrofes de Faro*"<sup>50</sup>.

A Península Ibérica ficaria centralizada sob o poder emiral-califal da dinastia Omíada de Córdova entre 755 e 1031, contudo, o reinado do emir Mohammed I (852-886) ficou assinalado por várias revoltas no ocidente peninsular, e é nesse contexto que surge em Uqxûnuba Iahia ibn Backre, como chefe *muladi*<sup>51</sup> de uma insurreição. Na opinião de José Garcia Domingues, este chefe *muladi* era neto de um moçárabe chamado Zádlafe, e que terá baptizado o seu filho com o nome de Beckre em homenagem ao seu senhor Backre ibn Ájade<sup>52</sup>. O neto deste moçárabe, Iahia ibn Backre, proclamou-se então senhor independente de Uqxûnuba e de toda a região, liderando um movimento no séc. IX - X que chegou a ser um importante feudo local<sup>53</sup>. Segundo António Borges Coelho, "*Ibn Bakr era senhor de Ossónoba. (...) Das faldas da Estrela ao Algarve, o Ocidente escapava ao poder fiscal, político e militar de Córdova*"<sup>54</sup>.

Não devemos, contudo, encarar estas dissidências *muladis*

<sup>49</sup> CATARINO, Helena, "A Ocupação Islâmica", in *História de Portugal Volume III - O Mundo Luso Romano (II) Portugal Medieval (I)*, p.278. Ver também KENNEDY, Hugh, *Os Muçulmanos na Península Ibérica - História Política do Al-Andaluz*, pp.53-54.

<sup>50</sup> CATARINO, Helena, "A Ocupação Islâmica", in *História de Portugal Volume III - O Mundo Luso Romano (II) Portugal Medieval (I)*, p.280. Ver também COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, p.190.

<sup>51</sup> Grupo indígena convertido ao islão. É preciso ter em conta que os exércitos muçulmanos eram constituídos por milhares de homens de origem árabe e berbere que constituíam apenas uma minoria entre a população ibérica que se converte ao islão e se arabiza rapidamente. Estes são os chamados "muladis". Os que se mantêm cristãos são designados frequentemente por moçárabes.

<sup>52</sup> DOMINGUES, José Garcia, *Ossónoba na Época Árabe*, pp.34-35.

<sup>53</sup> TORRES, Cláudio, "O Al Garbe", in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, p.433.

<sup>54</sup> COELHO, António Borges, *Donde Viemos*, p.146.



do séc. IX enquanto rebeliões de carácter étnico-cristianizante. Recordamos que desde o início do domínio islâmico no al-Andaluz que os berberes foram tratados como muçulmanos de segunda categoria em relação aos muçulmanos árabes, tendo esta discriminação ficado bem patente aquando da distribuição dos territórios conquistados<sup>55</sup>. Ora, o mesmo se vinha a verificar em relação aos hispânicos convertidos ao islão, os *muladis*, pelo que estes eram olhados com alguma desconfiança pelo poder central. Desta feita, os movimentos independentistas levados a cabo pelos *muladis* devem ser entendidos, antes de mais, enquanto reivindicações pelo princípio de igualdade entre muçulmanos árabes e muçulmanos ibéricos<sup>56</sup>.

O sucessor de Iahia ibn Backre foi o seu filho Backe ibn Iahia<sup>57</sup>, tendo este ficado conhecido por ter fortificado a cidade: "*mandou fazer nela construções diversas e transformou-a numa praça-forte que proveu de portas de ferro*"<sup>58</sup>. Em Portugal na Espanha Árabe podemos encontrar uma elucidativa referência ao rigor da sua administração: "*Estava rodeado de um concelho e tinha uma administração de finanças. Em obediência às suas ordens, os súbditos eram obrigados a dar de comer aos viajantes, a albergar os estrangeiros, e a velar pela segurança dos caminhantes de maneira que se podia viajar pelo seu território com tanta tranquilidade como cada um pode estar em sua casa ou em casa de parentes*"<sup>59</sup>.

A Backre ben Iahia sucedeu o seu filho Calaf ibn Backre<sup>60</sup> na altura em que em Córdoba era proclamado Abd al-Rahman III

<sup>55</sup> MARTÍNEZ SANZ, José Luis, *Vida y Costumbres en Al – Andaluz – Los Árabes en España*, pp.103-105.

<sup>56</sup> SIDARUS, Adel, "A islamização religiosa do extremo Gharb Al-Andaluz (séculos VIII – X)", in *Portugal, Espanha e Marrocos – O Mediterrâneo e o Atlântico*, p.125.

<sup>57</sup> NUNES, M. C. Vieira Calado Teixeira, "Faro: O Passado e o Presente Muçulmano", in *Anais do Município de Faro*, N. XVII, p.33.

<sup>58</sup> COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, p.201.

<sup>59</sup> COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, p.211.

<sup>60</sup> NUNES, M. C. Vieira Calado Teixeira, "Faro: O Passado e o Presente Muçulmano", in *Anais do Município de Faro*, N. XVII, p.33.

como califa e príncipe dos crentes<sup>61</sup>. Este novo soberano não aceitou a insubordinação dos pequenos estados “independentes” do al-Andaluz<sup>62</sup>, pelo que se propôs a acabar com a revolta dos *muladis* marchando vitorioso sobre as próprias cidades. Depois de submeter Badajoz e Beja, Abd al-Rahman III chegou aos muros da cidade de Faro em 2 de Agosto de 919<sup>63</sup>.

É curioso notar que quando Abd al-Rahman III se decidiu a esmagar a revolta depondo os governadores insurrectos, abriu uma excepção para o governador de Faro ibn Backre, permitindo a sua continuação no governo da cidade mediante o pagamento de um tributo<sup>64</sup>. E o que terá feito com que o califa tivesse aberto essa excepção? Segundo Vieira Calado Teixeira Nunes, a estratégia do astuto governador de Faro passou por prestar homenagem ao soberano, alegando o não envio dos impostos cobrados devido à distância a que Uqxûnuba se encontrava de Córdova e persuadindo-o dos perigos que os caminhos representavam<sup>65</sup>. Mas seria tal estratégia suficiente para apaziguar o poderoso Abd al-Rahman III? Acreditamos que se deve a algo mais que não somente a astúcia e a capacidade de persuasão do governador de Uqxûnuba... Ora, o mais provável é que a atitude do califa para com o governador fosse determinada, antes de mais, pela competência por este demonstrada na administração da cidade e do seu território. Por outras palavras,

<sup>61</sup> Abd al-Rahman III é frequentemente considerado o mais bem-sucedido príncipe da dinastia omíada da Península Ibérica. Reinou durante meio século, proclamou-se califa e conseguiu unir o al-Andaluz sob o seu poder. Foi durante o seu governo que foi construída a famosa Medina al-Zahara.

<sup>62</sup> MARTÍNEZ SANZ, José Luis, *Vida y Costumbres en Al – Andaluz - Los Árabes en España*, pp.50-51.

<sup>63</sup> COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, pp.209-211.

<sup>64</sup> CATARINO, Helena, “A Ocupação Islâmica”, in *História de Portugal Volume III - O Mundo Lusitano Romano (II) Portugal Medieval (I)*, p.280. Ver também MAGALHÃES, Natércia, *O Legado Arquitectónico Islâmico no Algarve – El Legado Arquitectónico Islâmico en el Algarve*, p.52.

<sup>65</sup> NUNES, M. C. Vieira Calado Teixeira, “Faro: O Passado e o Presente Muçulmano”, in *Anais do Município de Faro*, N. XVII, p.33.

acreditamos que só se poderá compreender a atitude de Abd al-Rahman III se efectivamente o governo de ibn Backre fosse pautado por uma boa administração e, com efeito, as fontes parecem dar provas de um governo bem-sucedido. Por outro lado, também há que ter em consideração o apoio da população da cidade a ibn Backre. É muito provável que tenha sido a própria comunidade moçárabe a apoiar o seu governador, também ele pertencente a uma antiga família moçárabe entretanto convertida ao islão<sup>66</sup>, o que sugere as boas relações que este devia manter com esta comunidade. Aliás, tal como perspicazmente observou David Lopes, "*estes muçulmanos peninsulares falavam românico, tal como os moçárabes*"<sup>67</sup>, o que poderá traduzir um bom nível de entendimento entre eles e o interesse que os moçárabes de Faro teriam num governador seu conhecido em vez de um outro qualquer governador árabe escolhido pelo califa. De resto, a importância e a influência que os moçárabes tinham na região pode ser verificada até nos materiais arqueológicos; basta recordarmos a lápide funerária de Julião, o bispo moçárabe de Ossónoba, encontrada em Cacela Velha, a *Qastalla* islâmica, no concelho de Vila Real de Santo António<sup>68</sup>.

A verdade é que ibn Backre continuou a governar a região e a cidade de Uqxûnuba com relativa independência, desde que fossem enviados os devidos impostos ao califa. Terminava assim o meio século (entre 875 e 919, aproximadamente) em que a família Backre conseguiu escapar ao controlo fiscal de Córdova. Um dado curioso reside na referência feita por ibn

<sup>66</sup> DOMINGUES, José Garcia, *Ossónoba na Época Árabe*, pp.34-35.

<sup>67</sup> LOPES, David, "O Domínio Árabe", in *História de Portugal*, Vol. I, p.408.

<sup>68</sup> O bispo Julião viveu no séc. X. A descoberta da sua lápide funerária acaba por ser representativa da continuidade do culto cristão no al-Andaluz, nomeadamente na província de Uqxûnuba. Nela podemos ler: "*Aqui descansa o corpo de Julião, bispo, que morreu pelas 12ª calendas de Abril da milésia quinta (21 de Março de 987). Peço, a ti, leitor, que não recuses orar por ele, para que deste modo, tenhas em Cristo Nosso Senhor, um protector*". Ver MAGALHÃES, Natércia, *O Legado Arquitectónico Islâmico no Algarve – El Legado Arquitectónico Islâmico en el Algarve*, p.39.

Idári Almarrácuxi a a al-Waqâ; um *hisn* (fortaleza) onde os Backre guardavam os seus tesouros, provisões e armas, e que Helena Catarino identificou como sendo em Ourique<sup>69</sup>. Destas riquezas, confiscadas como despojos de guerra, se apoderaram os servidores e soldados de Abd al-Rahman III<sup>70</sup>, o que terá certamente servido para elevar o ânimo das tropas do califa antes de estas chegarem à cidade de Uqxûnuba.

É ainda durante o período califal que se irão evidenciar dois grandes poetas naturais da *kura* de Uqxûnuba: ibn Darraj, de Cacela<sup>71</sup>, e Mariam Bintu Abi Iacube al-Ansari, de Silves<sup>72</sup>.

### Faro durante as primeiras taifas

O auge da civilização islâmica no al-Andaluz deu-se na primeira metade do séc. X, porém, os conflitos de natureza política, étnica e social conduziram à degradação do poder central. O clima de instabilidade que se verificou no al-Andaluz a partir do séc. XI levou à fragmentação do poder, dando espaço à emergência dos poderes locais. É neste contexto que os governadores das grandes cidades afirmaram sua independência, dando início às designadas primeiras taifas. No território que hoje corresponde à região do Algarve surgiram então dois pequenos reinos independentes: o reino taifa de Silves, onde Idrisi dizia que se falava um árabe puro, e o reino taifa Faro, onde a população moçárabe era tão influente que substituiu o nome da cidade para Santa Maria<sup>73</sup>.

<sup>69</sup> CATARINO, Helena, "A Ocupação Islâmica", in *História de Portugal Volume III - O Mundo Luso Romano (II) Portugal Medieval (I)*, p.282.

<sup>70</sup> COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, p.211.

<sup>71</sup> TAHIRI, Ahmed, *Cacela e o seu poeta Ibn Darraj al-Qastalil na História e Literatura do Al-Andaluz*, pp.59-65.

<sup>72</sup> DOMINGUES, José Garcia, *Património Cultural Árabe Algarvio*, pp.11-12.

<sup>73</sup> DOMINGUES, José Garcia, *Ossónoba na Época Árabe*, pp.47-53; Ver Também NUNES, M. C. Vieira Calado Teixeira, "Faro: O Passado e o Presente Muçulmano", in *Anais do Município de Faro*, N. XVII, p.31.

Por esses anos, era governador de Santa Maria Abu Othman Said ibn Harun, natural de Mérida. Segundo David Lopes em *Faro no Século XI*, ibn Harun tinha sido um capitão natural de Mérida e de origem obscura, ao qual o califa Soleiman atribuiu o “*governo de uma pequena povoação do ocidente da Península, cujo nome era Santa Maria, do Occidente*”<sup>74</sup>.

Ora, logo que a situação o permitiu, tornou-se Harun senhor independente até 1042-1043, ano da sua morte. Como já anteriormente vimos, foi a partir do reinado deste soberano que a cidade passou a chamar-se Santa Maria de Harun e que surge o poeta Abul Hassan ibn Harun, representante da escola poética de Faro e familiar do governador<sup>75</sup>. É também durante este período das taifas que surge o sábio al-Alam, grande filólogo natural de Santa Maria de Harun e iniciador de todo o movimento literário e poético que se lhe seguiu<sup>76</sup>.

Ao governador Abu Othman Said ibn Harun sucedeu-o o seu filho Mohâmede ibn Saíde ibn Harun<sup>77</sup>, até ser subjogado pelo reino de Sevilha. Para o catedrático António Borges Coelho, o governo deste monarca muçulmano foi muito próspero graças à sua política, benevolência, autoridade e justiça até que al-Mutadid começou a molestá-lo com guerras, mortes e combates. Quando viu que não conseguiria nada contra al-Mutadid, pediu que lhe poupasse a vida e o autorizasse a partir com a sua família para Sevilha, em troca da abdicação a seu favor. Al-Mutadid aceitou e Mohâmede ibn Saíde ibn Harun

<sup>74</sup> LOPES, David, “Faro no Século XI”, in *Anais do Município de Faro*, N.º XIII, pp.59-60. Ver também COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, pp.259-260.

<sup>75</sup> LARANJINHA, Natália, “A Poesia no Séc. XI: O exemplo de ibn Harun”, in *Anais do Município de Faro*, Vol. XXVI, p.146.

<sup>76</sup> DOMINGUES, José Garcia, *Património Cultural Árabe Algarvio*, pp.12-13.

<sup>77</sup> LOPES, David, “Faro no Século XI”, in *Anais do Município de Faro*, N.º XIII, p.61; NUNES, M. C. Vieira Calado Teixeira, “Faro: O Passado e o Presente Muçulmano”, in *Anais do Município de Faro*, N.º XVII, p.34.

abandonou Faro depois de nessa cidade ter reinado dez anos<sup>78</sup>. Morreu em Sevilha, pouco depois de aí se fixar e “ficou só na sua tumba com os seus feitos”<sup>79</sup>.

Tal como Faro, também o reino taifa de Silves, existente desde 1044, foi conquistado por al-Mutadid em 1063, tendo tido apenas três soberanos e estando sempre em guerra com o poderoso reino taifa de Sevilha<sup>80</sup>. Desta feita, al-Mutadid dominou todo o Alentejo e Algarve<sup>81</sup>. O seu governo ficou ainda assinalado por ter “*adornado su jardín com las cabezas de sus enemigos*”<sup>82</sup> e por ter mandado matar o seu próprio filho, Ismail, que conspirava contra ele.

Com a morte de al-Mutadid sucede-o o seu filho, o famoso rei poeta chamado al-Mutamid, nascido em Beja. De assinalar que foi durante o governo de al-Mutamid, em Silves, que surgiram outros poetas na sua corte, como o controverso ibn Ammar, ou ainda ibn al-Milh e al-Mississi<sup>83</sup>. Contudo, a morte de al-Mutadid faz com que o rei poeta se visse obrigado a deixar o al-Gharb e a voltar para Sevilha, onde passou a dirigir o seu reino<sup>84</sup>. Desta feita, Santa Maria de Harun acabou por perder importância para Silves, transformada esta última em capital do valiato do Algarve. Ainda assim, a escola poética de Faro continuou a produzir grandes intelectuais nos anos que se seguiram, como o poeta ibn Sálíh ou o poeta ibn Aladame

<sup>78</sup> COELHO, António Borges, *Donde Viemos*, p.174. Ver também KENNEDY, Hugh, *Os Muçulmanos na Península Ibérica – História Política do Al-Andaluz*, p.160; MAGALHÃES, Natércia, *O Legado Arquitectónico Islâmico no Algarve – El Legado Arquitectónico Islâmico en el Algarve*, p.52.

<sup>79</sup> COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, p.259.

<sup>80</sup> Entre 1042 e 1055 estes abássidas de Sevilha anexaram não só Faro, como também Mértola, Huelva, Niebla e Algeciras.

<sup>81</sup> MARQUES, A. H. de Oliveira, *História de Portugal, Volume I Das Origens ao Renascimento*, p.66.

<sup>82</sup> ESLAVA GALÁN, Juan, *Califas, Guerreros, Esclavas y Eunucos – Los moros en España*, p.97.

<sup>83</sup> DOMINGUES, José Garcia, *Património Cultural Árabe Algarvio*, pp.14-15.

<sup>84</sup> SÁNCHEZ MANTERO, Rafael, *Historia Breve de Sevilla*, p.43.



Assantamarí, de quem passamos a transcrever o seguinte poema:

*"A morte com a sua lembrança  
afasta-nos de tudo o que se espera.  
Guarnece com ela, tarde e manhã,  
o campo da memória.  
Serve-te dela como bálsamo para cuidar o olhar  
das meditações em todos os dias da tua vida  
Antes que a alma fuja e galope entre o alto do teu peito  
e as campainhas da garganta"*<sup>85</sup>.

### Faro durante o domínio almorávida

A verdade é que todas as disputas entre os vários reinos taifas do al-Andaluz vieram facilitar as investidas dos reinos cristãos. Recordamos que Afonso VI de Castela entrou vitorioso em Toledo em 1085 e preparou o cerco a Saragoça no inverno seguinte. Perante a ameaça que representava Afonso VI de Castela, al-Mutamid viu-se obrigado a pedir auxílio aos almorávidas, "*gente robusta y dura*"<sup>86</sup> do sul de Marrocos, contra as recomendações dos seus conselheiros<sup>87</sup>. Desta forma, um imenso exército almorávida comandado por Yussef ibn Tachfin cruzou o estreito e aportou em Algeciras em 1086, de modo a

<sup>85</sup> ASSANTAMARÍ, ibn Aladame, "La poesie andalouse en árabe classique", transcrito de: COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, p.523.

<sup>86</sup> THOMSON, Ahmed & UR-RAHIM, M. Ata, *Historia del Genocidio de los Musulmanes, Cristianos Unitários y Judíos en España*, pp.147-153.

<sup>87</sup> Segundo a tradição, quando os conselheiros de al-Mutamid lhe alertaram para o perigo que representavam os almorávidas, este terá respondido: "*ser antes cameleiro em África do que guardador de porcos em Castela*". Ver AZIZ, Philippe, *A Civilização Hispano-Mourisca*, p.197. Ver também ESLAVA GALÁN, Juan, *Califas, Guerreros, Esclavas y Eunucos – Los moros en España*, p.186; THOMSON, Ahmed & UR-RAHIM, M. Ata, *Historia del Genocidio de los Musulmanes, Cristianos Unitários y Judíos en España*, p.148.



auxiliar o rei-poeta<sup>88</sup>.

Tendo derrotado o exército de Afonso VI de Castela e ganho a batalha de Zalaca, os almorávidas regressaram a Marrocos mal impressionados com os reinos taifas da península Ibérica, uma vez que o modo de vida e a falta de rigor religioso destes incomodava o fundamentalista fervor religioso da nova dinastia marroquina. Acabariam por regressar ao al-Andaluz em 1090, destronando al-Mutamid em 1091<sup>89</sup>. Depois de ver os seus filhos assassinados, o rei poeta al-Mutamid foi levado em ferros para Agmat, no sul de Marrocos, juntamente com a sua esposa Itimad, onde viriam a perecer. Curiosamente, o túmulo de al-Mutamid e Itimad tornou-se local de peregrinação para os muçulmanos<sup>90</sup>.

A verdade é que a nova dinastia almorávida oriunda do sul de Marrocos viria a conferir uma nova unidade ao al-Andaluz, dominando-o durante os séculos XI e XII. Poucas notícias existem do meio século em que Faro esteve sob domínio almorávida, contudo, é provável que se tenha verificado alguma prosperidade económica na cidade, a julgar pelo elevado número de cerâmicas almorávidas que se têm desenterrado nas escavações arqueológicas e que podemos encontrar em exposição no Museu Arqueológico e Lapidar do Infante D. Henrique, em Faro.

Por outro lado, a presença dos rudes guerreiros do deserto norte africano numa cidade onde se encontrava uma escola poética não deve ter privilegiado muito a produção literária, já que o puritanismo religioso dos almorávidas olhava com dis-

<sup>88</sup> AZIZ, Philippe, *A Civilização Hispano-Mourisca*, pp.197-200. Ver também ESLAVA GALÁN, Juan, *Califas, Guerreros, Esclavas y Eunucos – Los moros en España*, pp.183-185.

<sup>89</sup> KENNEDY, Hugh, *Os Muçulmanos na Península Ibérica – História Política do Al-Andaluz*, p.189; ESLAVA GALÁN, Juan, *Califas, Guerreros, Esclavas y Eunucos – Los moros en España*, p.186; AZIZ, Philippe, *A Civilização Hispano-Mourisca*, p.201.

<sup>90</sup> COELHO, António Borges, *Donde Vemos*, pp.179-180; KENNEDY, Hugh, *Os Muçulmanos na Península Ibérica – História Política do Al-Andaluz*, p.189; SÁNCHEZ MANTERO, Rafael, *Historia Breve de Sevilla*, p.45.



plicência a poesia e a literatura, chegando mesmo a acusar os poetas de libertinagem<sup>91</sup>. Segundo José Garcia Domingues, os almorávidas eram “*homens do deserto, gente barbárica, aferrada à pureza da fé e dos costumes e para a qual poesia é putrefacção, ostentação inútil, habilidade sem fim próprio*”<sup>92</sup>, ou usando as palavras caricaturais de Adel Sidarius, “*trocou-se a voz do poeta pela do muezin, o discurso do filósofo e homem de ciência pelo alfaqui ou do sufi*”<sup>93</sup>.

De um modo geral, o domínio almorávida marcou uma transformação na conduta para com os moçárabes, que passaram a ser tratados com mais intransigência<sup>94</sup>. Este puritanismo religioso poderá mesmo ter implicado uma radical mudança nas relações entre os moçárabes de Santa Maria de Harun e os fanáticos islamitas que governavam a cidade. Ainda assim, e apesar da potencial intransigência almorávida para com a comunidade moçárabe, é provável que o culto cristão tenha resistido, se bem que de forma mais discreta e diminuta<sup>95</sup>.

É igualmente provável que durante o período almorávida se tenham construído novos dispositivos defensivos em Faro, pois o mesmo se verifica um pouco por todo o Gharb al-Andaluz durante o domínio dos impérios norte africanos<sup>96</sup>.

<sup>91</sup> LARANJINHA, Natália, “A Poesia no Séc. XI: O exemplo de ibn Harun”, in *Anais do Município de Faro*, Vol. XXVI, p.146.

<sup>92</sup> DOMINGUES, José Garcia, *Património Cultural Árábico Algarvio*, p. 22.

<sup>93</sup> SIDARUS, Adel, “A islamização religiosa do extremo Gharb Al-Andaluz (séculos VIII – X)”, in *Portugal, Espanha e Marrocos – O Mediterrâneo e o Atlântico*, p.129.

<sup>94</sup> CATARINO, Helena, “A Ocupação Islâmica”, in *História de Portugal Volume III - O Mundo Luso Romano (II) Portugal Medieval (I)*, p.291; LOPES, David, “O Domínio Árabe”, in *História de Portugal*, Vol. I, p.408.

<sup>95</sup> DOMINGUES, José Garcia, *Património Cultural Árábico Algarvio*, p.47.

<sup>96</sup> CATARINO, Helena, “Castelos Muçulmanos do Algarve”, in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, p.455. Ver também “A Ocupação Islâmica”, in *História de Portugal Volume III - O Mundo Luso Romano (II) Portugal Medieval (I)*, pp.343-348.

## Faro durante as segundas taifas

O domínio almorávida chegou ao fim antes de chegarmos à segunda metade do séc. XII, voltando o al-Andaluz a fragmentar-se em pequenos Estados independentes: os segundos reinos taifas. No entanto, este seria um período de curta duração, e caracterizado por diversas convulsões, traições, revoltas internas, e até coligações com os cristãos.

Uma insurreição sufi<sup>97</sup> (revolta dos Muridines) levada a cabo contra a autoridade e a centralização almorávida acabou por ter lugar no ocidente peninsular. Abu-l-Qasim al-Husayn ibn Qasi, nascido em Silves, rebelou-se em 1144, e se fez proclamar *imam* e governador de Mértola<sup>98</sup>. Segundo investigadores como David Lopes e José Garcia Domingues, é a ibn Qasi que se deve a construção do *ribat* da Arrifana, em Aljezur, mosteiro fortificado para onde, alegadamente, o mestre sufi se retirava com os seus discípulos e onde terá escrito *Os Dois Sapatos Descalços*<sup>99</sup>.

Este filósofo, líder religioso, poeta, político e homem de guerra, procurou então tornar independente a região que compreende o actual Algarve<sup>100</sup>. Um outro chefe seu aliado, Abu Walid Muhammad ibn al-Mundir, também de Silves, capturou no mesmo ano a sua cidade natal e logo depois Santa Maria de Harun<sup>101</sup>. Faro, Silves e o restante Algarve estava perdido para

<sup>97</sup> O sufismo é uma corrente mística do islão. Pregava o ascetismo e o afastamento dos assuntos mundanos. Ver KENNEDY, Hugh, *Os Muçulmanos na Península Ibérica – História Política do Al-Andaluz*, p.217.

<sup>98</sup> Mértola foi tomada de surpresa por setenta muridines partidários de ibn Qasi. Ver COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, pp.339-343.

<sup>99</sup> DOMINGUES, José Garcia, *Património Cultural Árabe Algarvio*, p.27; LOPES, David, "O Domínio Árabe", in *História de Portugal*, Vol. I, p.410; Ver também CATARINO, Helena, "Castelos Muçulmanos do Algarve", in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, p.455.

<sup>100</sup> MARINHO, José Rodrigues, "Testemunhos Numismáticos do Algarve Muçulmano", in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, 476; KENNEDY, Hugh, *Os Muçulmanos na Península Ibérica – História Política do Al-Andaluz*, pp.217-218.

<sup>101</sup> MARQUES, A. H. de Oliveira, *História de Portugal, Volume I - Das Origens ao Renascimento*, p.106; COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, p.345.

os almorávidas, dando-se assim início a um segundo período de reinos taifas. Não sabemos muito da história de Faro durante este período conturbado que devemos situar entre 1144 e 1147. A verdade é que desde os primeiros reinos taifas que a antiga capital da província de Ukhûnuba andava a perder importância para Silves, passando a assumir um papel mais secundário no contexto algarvio.

Também este segundo período de relativa independência viria a ter vida efémera; os desentendimentos entre ibn Qasi e os demais líderes locais dividiram o movimento de insurreição, pelo que ibn Qasi se viu obrigado a pedir ajuda à nova dinastia marroquina liderada por ibn Tumart: os almóadas. Em 1145, ibn Qasi deslocou-se pessoalmente a Marraquexe, onde o califa almóada o recebeu. Voltaria ao Algarve no ano seguinte com o apoio da nova dinastia marroquina<sup>102</sup>.

Não obstante os almóadas terem entregue o governo de Silves a Ibn Qasi, este acabaria por rebelar-se por volta de 1150; era intenção do místico manter o Algarve independente e não enquanto parte integrante do império almóada. De modo a obter auxílio, Ibn Qasi fez uma aliança com Afonso Henriques em condições que desconhecemos. No final acabaria por ser assassinado no seu próprio palácio, em 1151, pelos próprios muçulmanos que o acusaram de traição<sup>103</sup>. A cabeça de Ibn Qasi foi passeada pelas ruas de Silves com o leiteiro: "*Eis aqui o mahdi dos cristãos*"<sup>104</sup>. Desta maneira, Mértola, Faro, Silves e quase todo o Algarve ficava em poder dos almóadas. Em território algarvio apenas a pequena taifa de Tavira, fortemente defen-

<sup>102</sup> Ver KENNEDY, Hugh, *Os Muçulmanos na Península Ibérica – História Política do Al-Andaluz*, p.217.

<sup>103</sup> COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, pp.339-343; CATARINO, Helena, "A Ocupação Islâmica", in *História de Portugal Volume III - O Mundo Luso Romano (II) Portugal Medieval (I)*, p.292; KENNEDY, Hugh, *Os Muçulmanos na Península Ibérica – História Política do Al-Andaluz*, p.217.

<sup>104</sup> DOMINGUES, José Garcia, *Património Cultural Árabe Algarvio*, p.27; COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, p.344.



dida pelo castelo da cidade e pelo castelo de Cacela, conseguiu resistir aos ataques da nova dinastia berbere, até 1168<sup>105</sup>.

## Faro durante o domínio almóada

A nova dinastia almóada fundada por Mohamed ibn Tumart<sup>106</sup>, também oriunda do sul de Marrocos, viria a conquistar todo o norte de África e o al-Andaluz a partir de Marraquexe. Em 1145 desembarcou o primeiro exército almóada em Algeiras<sup>107</sup>, e em 1147, ano em que Afonso Henriques conquistou Lisboa com a ajuda dos cruzados com destino à Terra Santa<sup>108</sup>, os almóadas começavam a submeter os vários principados independentes, fazendo-os jurar fidelidade. É durante este processo que Mértola e Silves acabaram por submeter-se. Com a perda de Lisboa para os cristãos e de Marraquexe para os almóadas, Eiça ibne Mamune, senhor de Faro, acabou por reconhecer a autoridade da nova dinastia berbere e saiu em campanha com eles<sup>109</sup>.

Com o avanço da conquista cristã e o clima geral de insegurança, os almóadas tiveram necessidade de fortificar o al-Andaluz, não só em cidades como Sevilha, onde foi construída a célebre Torre del Oro<sup>110</sup>, como também nas regiões mais periféricas. Com efeito, em 1162 ordenava o emir Abd al-Mumin que se fortificassem todas as costas e preparassem para a guer-

<sup>105</sup> COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, p.352; CATARINO, Helena, "Castelos Muçulmanos do Algarve", in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, p.455.

<sup>106</sup> KENNEDY, Hugh, *Os Muçulmanos na Península Ibérica – História Política do Al-Andaluz*, pp.223-227.

<sup>107</sup> THOMSON, Ahmed & UR-RAHIM, M. Ata, *Historia del Genocidio de los Musulmanes, Cristianos Unitários y Judíos en España*, p.155.

<sup>108</sup> ANÓNIMO, *Conquista de Lisboa aos Mouros em 1147*, pp.63-70; KENNEDY, Hugh, *Os Muçulmanos na Península Ibérica – História Política do Al-Andaluz*, p.216.

<sup>109</sup> COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, p.349.

<sup>110</sup> Trata-se de uma esplêndida torre defensiva construída por Abn-al-Ula, em 1221. Ver SÁNCHEZ MANTERO, Rafael, *Historia Breve de Sevilla*, p.47.



ra com os cristãos, por terra e por mar<sup>111</sup>. É nesse contexto que surge no Algarve uma rede de fortificações concebidas para defender não somente as áreas urbanas de Faro, Silves, Loulé e Tavira, como também os povoamentos rurais, como Paderne ou Salir<sup>112</sup>. Desta feita, a cidade islâmica de Faro assistiu à construção de novos dispositivos de defesa, como as entradas em cotovelo, as torres albarrãs e o reforço das muralhas<sup>113</sup>.

Ainda que investigadores como José Luis Martínez Sanz afirmem que as perseguições almorávidas e almóadas dos séculos XI e XII eliminaram o cristianismo do al-Andaluz mediante "*matanzas, conversiones forzadas y deportaciones al norte de África*"<sup>114</sup>, acreditamos que não devemos generalizar, pelo que será preferível analisarmos cada caso individualmente. O mais provável é que os moçárabes de Faro tenham efectivamente sofrido com a intransigência dos almóadas, tal como já se teria passado aquando do domínio almorávida na cidade. Ainda assim, é possível que a considerável população moçárabe de Faro tenha conseguido resistir, ainda que de forma mais reservada, ou discreta. Também José Garcia Domingues acredita que a comunidade moçárabe de Santa Maria de Harun nunca tivesse deixado de existir, embora diminuída e suportando a "*opressão dos dominadores africanos, primeiro os almorávidas, depois os almóadas*"<sup>115</sup>. Aliás, a diocese de Ossónoba nunca deixou de

<sup>111</sup> CATARINO, Helena, "A Ocupação Islâmica", in *História de Portugal Volume III - O Mundo Luso Romano (II) Portugal Medieval (I)*, p.346.

<sup>112</sup> CATARINO, Helena, "Castelos Muçulmanos do Algarve", in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, p.455.

<sup>113</sup> ÁLVARO SÁNCHEZ, Rócio, "Luces y sombras en el Faro musulmán. En torno a algunos aspectos de la tipología cerámica del sondeo 1/AO68/UE 101 del museo Faro", in *Xelb 9 – 6º Encontro de Arqueologia do Algarve*, p.449; MAGALHÃES, Natércia, *Algarve - Castelos, Cercas e Fortalezas*, pp.98-101; TORRES, Cláudio & MACIAS, Santiago, *O Legado Islâmico em Portugal*, p.195; TORRES, Cláudio, "O Al Garbe", in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, p.435.

<sup>114</sup> MARTÍNEZ SANZ, José Luis, *Vida y Costumbres en Al – Andaluz - Los Árabes en España*, p.119.

<sup>115</sup> DOMINGUES, José Garcia, *Património Cultural Árabe do Algarve*, p.47.

existir durante o domínio dos impérios norte africanos, ainda que de maneira velada<sup>116</sup>.

Também é provável que se tenha verificado alguma prosperidade económica durante o domínio almóada em Faro, a julgar pelo elevado número de cerâmicas de cronologia almóada recolhidas junto à Sé Catedral durante os anos 30, e que podemos encontrar em exposição no Museu Arqueológico e Lapidar do Infante D. Henrique, em Faro<sup>117</sup>. Porém, o poder almóada estava condenado. Em 1212, um exército coligado de portugueses, castelhanos, aragoneses e navarros desbaratou o califa cognominado al-Nasir em Las Navas de Tolosa<sup>118</sup>. Foi o começo de uma decadência irreversível e que se tornaria insustentável. As décadas de 1220 e 1230 foram fatídicas para os almóadas no al-Andaluz. Córdova foi conquistada em 1236 e Valência em 1238<sup>119</sup>, mas também as possessões no ocidente peninsular começavam a cair. A Ordem de Santiago, através da acção de Paio Peres Correia<sup>120</sup>, continuava a conquistar posições para a cristandade. Em 1238 Mértola foi conquistada<sup>121</sup>, chegando os cristãos às portas do Algarve. O colapso era iminente e em breve ia levar ao aparecimento do terceiro período de reinos taifas

<sup>116</sup> Com efeito, o bispado de Ossónoba manteve-se, idealmente, até à época em que D. Sancho I tomou Silves, em 1189, e o reconstituiu dando-lhe sede na cidade de Silves, uma vez que Faro continuava em poder dos muçulmanos. Ver DOMINGUES, José Garcia, *Ossónoba na Época Árabe*, p.47; VIEGAS, Libertário dos Santos, "A Tomada de Faro", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XV, p.99.

<sup>117</sup> MACIAS, Santiago, "Entre o Algarve e a Serra", in *Terras da Moura Encantada*, p.141.

<sup>118</sup> CATARINO, Helena, "A Ocupação Islâmica", in *História de Portugal Volume III - O Mundo Luso Romano (II) Portugal Medieval (I)*, p.293.

<sup>119</sup> THOMSON, Ahmed & UR-RAHIM, M. Ata, *Historia del Genocidio de los Musulmanes, Cristianos Unitários y Judíos en España*, p.160.

<sup>120</sup> PESSANHA, Fernando, "Ainda sobre a figura de D. Paio Peres Correia...", in *Jornal do Baixo Guadiana*, N° 146, Julho de 2012, p.20.

<sup>121</sup> MARTINS, Miguel Gomes, *De Ourique a Aljubarrota – A Guerra na Idade Média*, p.172; CATARINO, Helena, "A Ocupação Islâmica", in *História de Portugal Volume III - O Mundo Luso Romano (II) Portugal Medieval (I)*, p.294.

que sucedeu à fragmentação do poder almóada<sup>122</sup>.

## Faro durante a conquista cristã

Com o fim do domínio almóada no Algarve, no decurso da década de 1230, as possessões ainda sob domínio muçulmano passaram a ficar integradas no reino taifa de Niebla, governado pelo emir Aben Mafon<sup>123</sup>. Contudo, os governantes dos enclaves muçulmanos ainda em território algarvio, certamente conscientes da fragilidade do pequeno reino taifa de Aben Mafon, depressa se submeteram aos novos senhores de Marrocos, os merínidas.

A ocupação muçulmana no Algarve só veio a terminar em 1249, ano em que D. Afonso III conquistou Faro ao alcaide Aloandre e ao almoxarife Acabrarão, súbditos do Miramolin, rei de Marrocos. Com efeito, já desde 1238 que a Ordem de Santiago tinha começado a levar a cabo um conjunto de acções militares a sul do Tejo, nomeadamente com a conquista de Mértola, Alcoutim e Ayamonte<sup>124</sup>. Seguiram-se Estômbar e a Torre de Alvor, contudo, por estas últimas conquistas se encontrarem afastadas da zona dominada pelos Espatários, acabaram

<sup>122</sup> É durante os anos do domínio almóada em Faro, mais precisamente entre 1165 e 1174, que nos chega uma curiosa notícia referida por António Borges Coelho. Trata-se de uma criança, cujas testemunhas avaliaram em cerca de cinco anos, que já teria adquirido a sua virilidade, estando já coberta de pêlos! Ver COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, p.46.

<sup>123</sup> DOMINGUES, José Garcia, *Aben Mafon e a Conquista do Algarve Pelos Portugueses na «Adh-Dhakhya As-sanyya»*, pp.9-23. HERCULANO, Alexandre, *História de Portugal - Volume II - Desde o começo da Monarquia até ao fim do Reinado de Afonso III*, p.24

<sup>124</sup> PIMENTA, Maria Cristina, *Guerras no Tempo da Reconquista 1128 – 1249*, p.75; PESSANHA, Fernando, "Alcoutim, Terra com História", in *Jornal do Baixo Guadiana*, Ano 12 - N° 139, p.25.

por ser trocadas com os muçulmanos pelo castelo de Cacela<sup>125</sup>. Também Tavira, Paderne e Silves acabaram por ser conquistadas por estes anos finais da década de 30 e princípios da década de 40 do séc. XIII, ficando apenas a resistência muçulmana em Loulé, Aljezur, Porches, Albufeira e Faro. Desta feita, tendo Afonso III saído vitorioso do conflito que o opôs ao seu irmão, Sancho II, rapidamente formulou um projecto que unificasse a nobreza portuguesa; a conquista dos últimos bastiões muçulmanos no Algarve, designadamente a conquista de Santa Maria al-Harun, a cidade de Faro<sup>126</sup>.

A principal fonte histórica para o conhecimento da conquista de Faro é a denominada *Crónica da Conquista do Algarve*, manuscrito encontrado por Frei Joaquim de Santo Agostinho, na Câmara de Tavira, em 1788. Na opinião de investigadores como António Castro Henriques ou Miguel Gomes Martins, este documento será um excerto de uma hoje perdida *Crónica do Mestre Paio Peres Correia*, redigida em meados do séc. XIV<sup>127</sup>.

Segundo a crónica, depois de atravessada a serra algarvia, as tropas de D. Afonso III juntaram-se em Salir às tropas da Ordem de Santiago, comandadas pelo próprio Paio Peres Correia. Lançaram-se então sobre Santa Maria al-Harun e estabeleceram posições junto à muralha: "e as gentes todas juntas foram cercar

<sup>125</sup> COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, pp.372-373; GARCIA, Cristina, "Cacela Velha no tempo de al-Idrisi a partir dos dados da arqueologia", in *Itinerários e Reinos – Uma Descoberta do Mundo, O Gharb Al-Andalus na obra do geógrafo Al-Idrisi*, p.199; PESSANHA, Fernando, "D. Paio Peres Correia – Enterrado em Nuestra Señora de Tentuía ou em Santa Maria do Castelo?", in *Jornal do Baixo Guadiana*, Ano 12 - Nº 137, p.21.

<sup>126</sup> Também aqui deverá ser referido que no ano anterior, em 1248, já Fernando III de Castela tinha conquistado Sevilha, o que lhe abria a possibilidade de iniciar a expansão ao longo do sul, ameaçando desta forma a zona natural de alargamento territorial do reino português, ou seja; o Algarve. Ver MASIÁ, Concha, *Al-Andalus – 800 Años de Lucha*, pp. 224-226; GALÁN, Juan Eslava, Califas, *Guerreros, Esclavas y Eunucos – Los moros en España*, pp.209-210.

<sup>127</sup> HENRIQUES, António Castro, *Conquista do Algarve 1189-1249*, p.64; MARTINS, Miguel Gomes, *De Ourique a Aljubarrota – A Guerra na Idade Média*, p.192.



*Faro e puseram o arraial sobre ele*"<sup>128</sup>. D. Afonso III, dividindo as forças atacantes em quatro partes, distribuiu-as em redor do perímetro amuralhado. Ao monarca português coube "o combate (...) no castelo e um lanço da vila até uma porta que ora chamamos das freiras"<sup>129</sup>, que actualmente chamamos Arco do Repouso. Da Porta das Freiras à Porta da Vila, a responsabilidade coube a Paio Peres Correia, ficando os outros dois sectores confiados a Pedro Estaço e a João de Boim<sup>130</sup>.

Por outro lado, a armada portuguesa cortava as comunicações marítimas à cidade, de modo a isolá-la de qualquer ajuda externa: "E tomou-lhe el-rei o mar com a frota. E atravessou-lhe no canal do rio navios grossos mui bem armados e ancorados da parte de fora em contra o mar porque se algumas galés de mouros viessem que lhes não pudessem fazer nojo e lhes fosse embargada a parte do rio. E assim ficou o lugar todo cercado ao redor"<sup>131</sup>. Confiando que viriam reforços de África, a cidade resistiu até aperceber-se da presença da armada portuguesa e do corte de comunicações com Marrocos<sup>132</sup>.

Após alguns combates foram iniciadas as negociações de rendição. O alcaide Aloandre acordou em entregar ao monarca português as chaves da cidade evitando o inútil derramamento de sangue e garantindo aos mouros da cidade um estatuto favorável<sup>133</sup>. Não sabendo Paio Peres Correia das negociações entre D. Afonso III e Aloandre, ordenou um ataque geral à praça quando soube que o monarca português se encontrava no castelo, eventualmente sob captura dos mouros. Deu-se então um

<sup>128</sup> COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, pp.379-380.

<sup>129</sup> COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, pp.379-380.

<sup>130</sup> NUNES, M. C. Vieira Calado Teixeira, "Faro: O Passado e o Presente Muçulmano", in *Anais do Município de Faro*, N.º XVII, p.122.

<sup>131</sup> COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, p.380.

<sup>132</sup> NUNES, M. C. Vieira Calado Teixeira, "Faro: O Passado e o Presente Muçulmano", in *Anais do Município de Faro*, N.º XVII, p. 122; CALLISTO, Carlos Pereira, "A Praça de Guerra de Faro", in *Anais do Município de Faro*, N. XVII, p.122; VIEGAS, Libertário dos Santos, "A Tomada de Faro", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XV, p.98.

<sup>133</sup> HENRIQUES, António Castro, *Conquista do Algarve 1189-1249*, p.83.

ruidoso combate que acabou por resultar em mortes inúteis para ambas as partes.

Os homens de Paio Peres Correia chegaram mesmo a tentar incendiar a porta da cidade para forçar a entrada. A *Crónica da Conquista do Algarve* diz claramente: "... e quando Ell-Rei vio aquella ruído maravilhouce muito de que podia ser e como sobe o que hera saltou em cima de uma torre e mostrou as chaves na mão que já tinha do castelo e mandou dizer ao mestre e aos outros que estivessem quedos"<sup>134</sup>. Estava anunciada a rendição dos mouros. Aos sitiados foi garantida a livre circulação, sendo apenas permitida a entrada na cidade aos comandantes de cada hoste e homens por eles escolhidos. Pretendia-se desta maneira evitar conflitos entre a hoste portuguesa e a população muçulmana. Também o alcaide Aloandre pôde partir livremente, assim como toda a população que não quisesse ter D. Afonso III como seu rei<sup>135</sup>. Desta maneira o monarca português conquistava a cidade mais importante ainda em poder dos mouros com menos de um mês de cerco<sup>136</sup> e quase sem perdas.

Chegava ao fim o domínio islâmico na cidade de Faro, mas não o fim das relações entre cristãos e muçulmanos. Em Faro, e no Algarve, não houve o extermínio nem expulsão maciça de muçulmanos, como aconteceu na Espanha dos Reis Católicos<sup>137</sup>... A verdade é que parte significativa da população muçulmana acabou por ficar em Faro, ou por não terem meios de empreender viagem, ou por já pouco se sentirem ligados ao Norte de África. Finalmente, a 12 de Junho de 1269, D. Afonso III passou a carta de foro aos mouros do Algarve, nomeadamente aos mouros de *Sancta Maria de Faaron*.

<sup>134</sup> "Crónica da Conquista do Algarve", transcrito de: DOMINGUES, José Garcia, in *Aben Mafoñ e a Conquista do Algarve Pelos Portugueses na «Adh-Dhakhyra As-sanyya»*, p.28; COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, p.380.

<sup>135</sup> COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, p.381.

<sup>136</sup> MARTINS, Miguel Gomes, *De Ourique a Aljubarrota – A Guerra na Idade Média*, p.191.

<sup>137</sup> THOMSON, Ahmed & UR-RAHIM, M. Ata, *Historia del Genocidio de los Musulmanes, Cristianos Unitários y Judíos en España*, pp.245-261.

## LOCALIZAÇÃO

Longe vão os tempos em que se pensava que a cidade de Ossónoba se situava em Milreu, ou que Santa Maria de Ossónoba era um simples porto da primeira<sup>138</sup>. Os estudos arqueológicos iniciados por investigadores como Abel Viana, Mário Lyster Franco e Gonçalo Lyster Franco vieram demonstrar que a Uqxûnuba islâmica se encontra localizada no actual centro histórico de Faro, tal como a Ossónoba romana da antiguidade<sup>139</sup>, sendo facilmente identificável através do seu recinto amuralhado, o antigo *pomerium* romano. A verdade é que ainda hoje as portas de acesso estão conectadas com os antigos traçados romanos do *cardus*, actual Rua do Município e o *decumanos*, a actual Rua do Repouso<sup>140</sup>. De resto, até as epígrafes encontradas nas intervenções arqueológicas no centro histórico de Faro e que fazem referência à RESPUBLICA OSSONOBENSIS e à CIVITAS OSSONOBENSIS<sup>141</sup> não deixam muitas dúvidas quanto à localização da antiga cidade romana.

<sup>138</sup> Com efeito, Estácio da Veiga pensou ter encontrado nas ruínas romano-visigóticas de Milreu os restos da cidade de Ossónoba.

<sup>139</sup> VIANA, Abel, "Ossónoba – O problema da sua localização", in *separata do Volume LXII da «Revista Guimarães»*, pp.20-35; GAMITO, Teresa Júdice, "Uqxûnuba and its territory", in *Portugal, Espanha e Marrocos – O Mediterrâneo e o Atlântico*, p.133.

<sup>140</sup> PAULO, Dália, "As sondagens Arqueológicas Realizadas na Antiga Fábrica da Cerveja de Faro", in *Anais do Município de Faro*, p.20; MAGALHÃES, Natércia, *Algarve - Castelos, Cercas e Fortalezas*, p. 100.

<sup>141</sup> PEREIRA, Angelina, "Terra Sigillata do Largo da Sé – Faro", in *Anais do Município de Faro*, Vols XXXI – XXXII, p.65.



**Fig. 3** – Localização da Ukkûnuba islâmica, a antiga Ossónoba romana

Tal como Silves, Mértola, Beja, Évora, Alcácer do Sal, Lisboa, Santarém e Idanha, todas estas cidades têm em comum o facto de corresponderem a antigas cidades romanas, posteriormente ocupadas pelos muçulmanos. Tal como Walter Rossa bem observou, cada uma destas cidades "*detinha poder económico sobre uma vasta área rural de cujas potencialidades tirava proveito, mantendo fortes relações comerciais com o amplo universo islâmico do Mediterrâneo*"<sup>142</sup>.

A privilegiada situação geográfica de Ossónoba constituía quase uma ilha debruçada sobre o sistema lagunar da Ria Formosa<sup>143</sup>, conferindo-lhe uma segura localização defensiva<sup>144</sup>, apenas sendo possível chegar à cidade por mar, penetrando os vários canais fluviais<sup>145</sup>. Com efeito, o acesso à cidade tornava-

<sup>142</sup> ROSSA, Walter, "A Cidade Portuguesa", in *História da Arte Portuguesa – Volume 8 – Neoclassicismo e Romantismos (século XIX)*, p.69.

<sup>143</sup> GAMITO, Teresa Júdice, *O Algarve e o Magreb*, p.44.

<sup>144</sup> GAMITO, Teresa Júdice, "Ukkûnuba and its territory", in *Portugal, Espanha e Marrocos – O Mediterrâneo e o Atlântico*, p.133.

<sup>145</sup> GAMITO, Teresa Júdice, *Portugal, Espanha e Marrocos, O Mediterrâneo e o Atlântico*, p.133.

se difícil e perigoso para os navegadores que não estivessem familiarizados com as ilhotas que compõem o sistema lagunar da Ria Formosa, pois com o vaziar da maré as embarcações encalhavam nos bancos de areia, tornando-se naturalmente alvos vulneráveis. Já no séc. X dizia Ahmed Al-Razí, "*E há mui boas ínsoas e mui de sabor em que podem portar as barcas*"<sup>146</sup>. A privilegiada localização defensiva da cidade islâmica era ainda potenciada pela colina artificial em que assentava, fruto da sistemática ocupação deste espaço pelas várias civilizações que ao longo dos séculos ali se estabeleceram.



Fig. 4 – Vista aérea do centro histórico de Faro

Por outro lado, a sua localização geográfica permitia um importantíssimo recurso alimentar para a população da cidade, como é possível verificar através das descrições de geógrafos como al-Idrisi ou o já referido Ahmed al-Rázi: "*O seu terreno é plano, muito cultivado, com várias espécies de árvores frutíferas e abundância de produtos. Há nela montanhas propícias à criação de gado e águas correntes. Nela se praticam intensamente a*

<sup>146</sup> AHMED AL- RÁZI, transcrito de COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, p.38.

caça e a pesca"<sup>147</sup>.

Também a cantiga de Afonso X de Castela, *Esta é dun mi-  
ragre que mostrou Santa Maria en Faaron quando era de mou-  
ros*, refere a existência de um culto à virgem por parte de um  
significativo grupo de pescadores moçárabes, o que atesta a  
importância da actividade marítima na cidade. De resto, esta  
parece ser uma posição unânime entre os investigadores. Ape-  
sar de Oliveira Marques referir-se a Ukkûnuba como "*pequena  
cidade marítima*"<sup>148</sup>, devemos manter algumas reservas, pois a  
cidade podia efectivamente ser de reduzida dimensão para o  
contexto peninsular, mas não no periférico contexto do Gharb  
al-Andaluz, distante dos grandes centros do poder político de  
então. Aliás, relembramos que já no séc. X escrevia o geógra-  
fo oriental Ibne Háucal, discípulo de Alistácri, a propósito de  
Ossónoba: "*cidade famosa, grande, rica em produtos em que  
é abundante*"<sup>149</sup>, ou ainda a referência do geógrafo al-Idrisi,  
no séc. XII: "*Santa Maria do Gharb (...) É de extensão media-  
na e muito bela*"<sup>150</sup>, pelo que a alegada pequenez apontada por  
Oliveira Marques poderá ser discutível.

Com efeito, outros investigadores apontam para uma im-  
portância que não se coaduna com a "*pequena cidade marí-  
tima*" referida Oliveira Marques. É o caso de Cláudio Torres e  
Santiago Macias, para quem a cidade de Ukkûnuba era conhe-  
cida em todo o Mediterrâneo ocidental pela excelência das  
suas defesas e pela riqueza das suas hortas e pesqueiros. Se-  
gundo estes investigadores "*as ondas vinham tocar as muralhas*

<sup>147</sup> AHMED AL- RÂZI, *Descrição do Al-Andaluz*, transcrito de GAMITO, Teresa Júdice, *III Jornadas de Silves - 20, 21, 22 de Outubro de 1995 - Actas*, pp. 20-21.

<sup>148</sup> MARQUES, A. H. de Oliveira, *História de Portugal - Volume I - Das Origens ao Renascimento*, p.112.

<sup>149</sup> IBNE HÁUCAL, *Kitâb S:Ûrat Al-Ard*, transcrito de DOMINGUES, José Garcia, *Ossónoba na Época Árabe*, p.10.

<sup>150</sup> TORRES, Cláudio & MACIAS, Santiago, *O Legado Islâmico em Portugal*, p.195. Ver também TORRES, Cláudio, "O Al Garbe", in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, p.435; NUNES, M. C. Vieira Calado Teixeira, "Faro: O Passado e o Presente Muçulmano", in *Anais do Município de Faro*, N. XVII, p.38.

*durante a maré alta, sendo ainda o porto de Faro conhecido pelos seus estaleiros*"<sup>151</sup>. Também Rócio Álvaro Sanches aponta a antiga cidade de Faro enquanto importante porto de rotas comerciais desde a antiguidade<sup>152</sup>. Não é, portanto, de estranhar se tivermos em consideração os privilegiados recursos naturais e defensivos, que Ukkûnuba se apresentasse como uma importante metrópole à escala regional, podendo rivalizar apenas com Silves.

<sup>151</sup> TORRES, Cláudio & MACIAS, Santiago, *O Legado Islâmico em Portugal*, p.194.

<sup>152</sup> ÁLVARO SÁNCHEZ, Rócio, "Luces y sombras en el Faro musulmán. En torno a algunos aspectos de la tipología cerámica del sondeo 1/AO68/UE 101 del museo Faro", in *Xelb 9 – 6º Encontro de Arqueologia do Algarve*, p.450.





## AS MURALHAS

Infelizmente não são muitos os vestígios islâmicos facilmente identificáveis em Faro. As sistemáticas demolições, construções e reconstruções não permitem vislumbrar mais que pontuais e tímidos vestígios. Uma das primeiras referências às muralhas da cidade surge-nos na descrição dos inícios do séc. XII, do geógrafo al-Idrisi: “*Santa Maria do Gharb está edificada na orla do oceano e as suas muralhas são banhadas pelas águas da maré cheia*”<sup>153</sup>. Actualmente, a muralha que defende a antiga cidade apresenta no seu conjunto “*uma planta elíptica com uma área de 73014m<sup>2</sup> e um perímetro de 1083m*”<sup>154</sup>. Para vários autores, como Maria da Conceição Amaral, a cidade já estaria amuralhada antes da chegada dos árabes<sup>155</sup>. A verdade é que tem sido muitas vezes atribuída uma origem romana às muralhas de Faro. Segundo Teresa Gamito, as muralhas “*só foram de facto construídas em época romana, quando se processou um alargamento da área da cidade (...), na verdade, as muralhas datam do séc. II d. C.*”<sup>156</sup>. Ainda no que diz respeito às torres semicirculares da actual muralha de Faro, a arqueóloga atribui fundação tardo romana ou bizantina: “*Ossonoba apresenta uma evidência clara da presença Bizantina na cidade:*

<sup>153</sup> AL-IDRISI, transcrito de TORRES Cláudio & MACIAS, Santiago, *O Legado Islâmico em Portugal*, p.195.

<sup>154</sup> MAGALHÃES, Natércia, *Algarve - Castelos, Cercas e Fortalezas*, p.100.

<sup>155</sup> AMARAL, Maria da Conceição, *Caminhos do Gharb – Estratégia de interpretação do património islâmico no Algarve: O caso de Faro e de Silves*, p.58.

<sup>156</sup> GAMITO, Teresa Júdice, “A cidade de Ossonoba e o seu território envolvente”, in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, p.356. Ver também “O Papel das Torres de Vigia na Defesa de Faro”, in *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica*, p.839.

*o reforço das suas muralhas e o modo facetado como os torreões defensivos, inicialmente arredondados, se apresentam a partir de uma determinada altura, e não de raiz*<sup>157</sup>.

Também Cláudio Torres e Santiago Macias, talvez seguindo o raciocínio de Teresa Gamito, escrevem em *O Legado Islâmico em Portugal* que no pano de muralha virado ao terreiro de S. Francisco, algumas torres de base semi-cilíndrica e de tradição bizantina datam, com toda a probabilidade, do século XI, *"embora tenham sido refeitas em época posterior"*<sup>158</sup>.



**Figs. 5 e 6** – Muralha do castelo e torre semi-cilíndrica

Contudo, outros autores descartam essa possibilidade. Na opinião de Adriaan De Man; *"a análise arquitectónica da muralha leva a crer numa fase construtiva não anterior ao califado, sendo provavelmente de atribuir uma remodelação almóada das defesas urbanas. Diante do paramento visível, deverá ser descartada a hipótese de uma construção tardo romana, tornando-se no entanto provável que tenha existido um perímetro dessa época num alinhamento semelhante, cujos elementos carecem de*

<sup>157</sup> GAMITO, Teresa Júdice, *O Algarve e o Magreb*, p.58. Também a arqueóloga Dália Paulo atribui a estas torres uma origem bizantina. Ver PAULO, Dália, "As sondagens Arqueológicas Realizadas na Antiga Fábrica da Cerveja de Faro", in *Anais do Município de Faro*, Vols XXXIX/XXX, p.21.

<sup>158</sup> TORRES, Cláudio & MACIAS, Santiago, *O Legado Islâmico em Portugal*, p.195.

*momento de identificação*"<sup>159</sup>. Esta leitura parece ir de encontro às informações facultadas pelas fontes árabes que, através dos seus relatos de viagens poderão fornecer-nos algumas pistas.

Com efeito, sabemos que entre 755 e 1031 a Península Ibérica ficou centralizada sob o poder califal da dinastia Omíada de Córdoba, contudo, em Uqxûnuba, o partido *muladi* liderou um movimento insurreccional no séc. IX, chegando a criar um importante feudo local. Segundo António Borges Coelho, "*Abu al-Malik ibn Abu al-Juad apoderou-se de Beja e fortificou Mértola. Ibn Bakr era senhor de Ossónoba. Aliaram-se a Ibn Maruane. Das faldas da Estrela ao Algarve, o Ocidente escapava ao poder fiscal, político e militar de Córdoba*"<sup>160</sup>. Ora, dada esta relativa autonomia de Uqxûnuba em relação ao poder central, parece-nos natural que ibn Backre tenha sentido a necessidade de fortificar a cidade de modo a defender-se de um eventual cerco por parte da dinastia omíada de Córdoba. Em *Portugal na Espanha Árabe* podemos encontrar uma descrição interessante dos tempos dos Banu Backre que corresponde exactamente ao período emiral-califal: "*Bacre ibn lália ibn Bacre estabeleceu-se na cidade de Santa Maria do cantão de Ossónoba, mandou fazer nela construções diversas e transformou-a numa praça-forte que proveu de portas de ferro*"<sup>161</sup>. O mesmo autor em *Donde Vemos* refere claramente: "*Bakr ibn Yhaya ibn Bakr rodeou Faro com muralhas e portas de ferro*"<sup>162</sup>.

De resto, também Rócio Álvaro Sanchez parece concordar com esta cronologia quando refere que "*en el año de 859, la Kura de Ocsónoba tuvo que hacer frente al ataque de los normandos y a final del siglo IX (...) época en la que Bakr. B. Yahya b. Bakr se convirtió en señor de Ocsónoba (...) re-*

<sup>159</sup> DE MAN, Adriaan, "Três Muralhas Urbanas e Alguns dos Seus Problemas" in *Revista Al-Madan*, II série, p.73.

<sup>160</sup> COELHO, António Borges, *Donde Vemos*, p.146.

<sup>161</sup> COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, p.201.

<sup>162</sup> COELHO, António Borges, *Donde Vemos*, p.146.

*forzando sus murallas*"<sup>163</sup>. Ora, perante o ambiente de instabilidade, as lutas internas e a insegurança provocada pelos ataques dos normandos<sup>164</sup>, parece natural que se tenha procedido à construção de muralhas urbanas e de outras estruturas de carácter defensivo. É exactamente neste contexto que se procede à edificação de pequenas fortalezas de carácter religioso-militar e à criação de medidas para a construção de portos defensivos ao longo da costa Atlântica<sup>165</sup>.

Em 1217, ainda durante o domínio almóada na cidade, escrevia um peregrino do norte da Europa acerca de Faro: "*muito bem fortificada, cercada de água por dois lados e toda ela defendida por um muro torreado, tão largo, e sólido, que na parte superior podiam combater dois guerreiros a cavalo*"<sup>166</sup>. Ainda segundo a *Crónica da Conquista do Algarve*, aquando da conquista de Faro pelos cristãos, algumas zonas da cerca encontravam-se reforçadas por uma barbacã e por um fosso<sup>167</sup>, o que seria perfeitamente natural se tivermos em consideração que Faro era a principal cidade do Algarve ocidental e um dos mais importantes redutos muçulmanos da região.

De modo geral, somos da opinião que a configuração das

<sup>163</sup> ÁLVARO SÁNCHEZ, Rócio, "Luces y sombras en el Faro musulmán. En torno a algunos aspectos de la tipología cerámica del sondeo 1/AO68/UE 101 del museo Faro", in *Xelb 9 – 6º Encontro de Arqueologia do Algarve*, p.450.

<sup>164</sup> Aqui devemos relembrar, a título de exemplo, a destruição das muralhas de Sevilha por parte dos normandos, em 844. Ver SÁNCHEZ MANTERO, Rafael, *Historia Breve de Sevilla*, p.40. Recordamos ainda a célebre batalha que teve lugar na foz do rio Arade, em 971, quando os normandos pretenderam saquear Silves. Ver DOMINGUES, José Garcia, *Ossónoba na Época Árabe*, p.37; COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, pp.174-175; CATARINO, Helena, "A Ocupação Islâmica", in *História de Portugal Volume III - O Mundo Luso Romano (II) Portugal Medieval (I)*, p.281.

<sup>165</sup> CATARINO, Helena, "Castelos Muçulmanos do Algarve", in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, p.453.

<sup>166</sup> CALLISTO, Carlos Pereira, "A Praça de Guerra de Faro", in *Anais do Município de Faro*, N° XVII, p.124.

<sup>167</sup> MARTINS, Miguel Gomes, *De Ourique a Aljubarrota – A Guerra na Idade Média*, pp.182-183.

## A CIDADE ISLÂMICA DE FARO

muralhas sugere uma cronologia que remonta às reformas urbanas do período emiral-califal do séc. IX-X, com uma manifesta remodelação de indústria almóada bem evidente nas torres albarrãs do Arco do Repouso. Este lado da muralha apontava então para uma larga praia em frente ao Largo de São Francisco, onde até ao séc. XVIII se reparavam as embarcações. Porém, a fisionomia do local acabaria por ser profundamente alterada com a construção da linha férrea, deixando assim os barcos de serem reparados na praia<sup>168</sup>.

---

<sup>168</sup> GAMITO, Teresa Júdice, *O Algarve e o Magreb*, pp.57-58.



## A MESQUITA

A mesquita é, sem dúvida, a estrutura mais importante no que se refere às características artísticas e arquitectónicas islâmicas, pois para os muçulmanos foi um dos primeiros campos de actividade na construção. Nas comunidades muçulmanas pelo mundo, a mesquita tem um propósito simbólico para além de religioso. Segundo Abdullah Saeed, "*a estrutura, traçado e emprego da decoração varia consideravelmente no mundo muçulmano*"<sup>169</sup>, sendo naturalmente evidente as diferenças entre as mesquitas da Ásia, da África, da Europa e do Médio Oriente.

Embora a construção de mesquitas fosse uma antiga actividade muçulmana, a sua arquitectura evoluiu com o tempo e foi significativamente influenciada pelas culturas e civilizações com quem os muçulmanos interagem. Com o tempo, as mesquitas evoluíram dos primórdios humildes da mesquita do profeta, em Medina<sup>170</sup>, aos monumentos arquitectónicos das comunidades muçulmanas no al-Andaluz, no norte de África, no Irão, na Turquia, e noutras partes. A mesquita tornou-se, portanto, num símbolo dos progressos da estética e da arquitectura islâmica. À medida que o califado islâmico ia crescendo e se desenvolviam vilas e cidades - fosse em Bagdad fundada no séc. XIII pelo califa abássida Al-Mansur ou outras novas cidades - também a mesquita passou a situar-se no centro da configuração urbana, perto da residência do soberano, como elemento

<sup>169</sup> SAEED, Abdullah, *Introdução ao Pensamento Islâmico*, p.158.

<sup>170</sup> A casa do profeta, em Medina, era constituída por vários compartimentos que davam para um pátio a céu aberto. Posteriormente, o profeta mandou acrescentar num dos lados um pórtico feito de troncos de palmeiras e coberto de palmas. Ver BURLLOT, Joseph, *Civilização Islâmica*, p.47.

de primordial importância no ordenamento de uma cidade<sup>171</sup>.

A arquitectura das mesquitas relaciona-se com as exigências da oração<sup>172</sup>. O exemplo mais notório é o minarete usado pelo *almuadem* para fazer a chamada para a oração. Dentro da mesquita está indicada a direcção de Meca e há indicações para os fiéis se disporem em filas. Assim, a mesquita tem que possuir um interior amplo, geralmente rectangular. Um lugar especial, a que se chama *mihrab*, é reservado ao imã para que conduza a oração. As áreas essenciais incluem a entrada, o minarete e o pátio cujo estilo depende sobretudo do clima e geografia locais. Elementos importantes da mesquita são a abóbada, que proporciona amplificação acústica, e o púlpito *minbar*, de onde é proferido o sermão dirigido à congregação, nas orações da sexta-feira. As instalações de *wudu* são importantes, dada a obrigatoriedade das abluções que incluem a lavagem das mãos, boca, nariz, rosto, antebraços e pés. A orientação para Meca no interior da mesquita é mostrada pelo muro da *qibla*, sendo também uma característica importante no traçado do edifício.

Contudo, no que se refere a Faro, não existem grandes evidências arqueológicas da mesquita de que nos fala al-Idrisi no séc. XII: "*Tem uma mesquita catedral, uma mais pequena e uma capela*"<sup>173</sup>, embora a tradição histórica aponte para a sua existência no local onde hoje se encontra a catedral<sup>174</sup>. Das várias intervenções arqueológicas apenas foi encontrado um frag-

<sup>171</sup> TORRES, Cláudio & MACIAS, Santiago, "A Arte Islâmica no Ocidente Andaluz", in *História da Arte Portuguesa - Volume I – Da Pré-História à Arte Islâmica no Ocidente Andaluz*, p.168.

<sup>172</sup> STIERLIN, Henri, *Islão*, p.7.

<sup>173</sup> AL-IDRISI, transcrito de TORRES Cláudio & MACIAS, Santiago, *O Legado Islâmico em Portugal*, p. 195.

<sup>174</sup> MACIAS, Santiago, "Entre o Algarve e a Serra", in *Terras da Moura Encantada*, p.139; NUNES, M. C. Vieira Calado Teixeira, "Faro: O Passado e o Presente Muçulmano", in *Anais do Município de Faro*, N.º XVII, pp.38-39; PAULO, Dália, "As sondagens Arqueológicas Realizadas na Antiga Fábrica da Cerveja de Faro", in *Anais do Município de Faro*, Vols XXXIX/XXX, p.20.



mento de candelabro de mesquita<sup>175</sup>. Segundo Teresa Gamito, "a mesquita encontrar-se-ia no local da Sé, onde anteriormente se encontraria a igreja dedicada a Santa Maria, e tal como em época romana ali se encontravam o fórum e os templos romanos"<sup>176</sup>. E, com efeito, na escavação realizada décadas antes por Abel Viana, em 1933, no largo da Sé de Faro, foram encontrados variados restos de cerâmica islâmica, para além de outros materiais de época romana-visigótica. Alguns anos mais tarde, em 1940, Mário Lyster Franco acabou por identificar "os alicerces de um grande templo"<sup>177</sup>, o que vem reforçar a hipótese da existência de um templo romano onde posteriormente foi construída a mesquita dos dominadores muçulmanos.



Fig. 7 – Espaço correspondente à antiga mesquita islâmica

Após a conquista da cidade por D. Afonso III, a mesquita terá sido alvo de obras de reconstrução, surgindo em 1277 como

<sup>175</sup> GAMITO, Teresa Júdice, *O Algarve e o Magreb*, p. 48.

<sup>176</sup> GAMITO, Teresa Júdice, *O Algarve e o Magreb*, p.24. Ver também "Ukxûnuba and its territory", in *Portugal, Espanha e Marrocos – O Mediterrâneo e o Atlântico*, p.1.

<sup>177</sup> VIANA, Abel, "Ossónoba – O problema da sua localização", in *separata do Volume LXII da «Revista Guimarães»*, p.21. Ver também PEREIRA, Angelina, "Terra Sigillata do Largo da Sé – Faro", in *Anais do Município de Faro*, Vols XXXI – XXXII, p.65.

Igreja de Santa Maria. Com efeito, Teresa Gamito chega mesmo a sugerir o aproveitamento das paredes da mesquita, tendo os cristãos adicionado alguns traços de estilo gótico ao conjunto arquitectónico: "*the christians seem to have taken profit of the actual walls of the mosque adding only a small gothic traces to its walls*"<sup>178</sup>.

Ainda a propósito do templo cristão da cidade durante o período islâmico, diz-nos Alib Ben em Umar Al Udri: "*É um edifício alto com algumas colunas de pedra enormes. Nunca ninguém viu colunas iguais, tanto em altura como em diâmetro. É impossível uma pessoa abraçá-las com os seus dois braços*"<sup>179</sup>.

<sup>178</sup> GAMITO, Teresa Júdice, "Ukxúnuba and its territory", in *Portugal, Espanha e Marrocos – O Mediterrâneo e o Atlântico*, p.138.

<sup>179</sup> ALIB BEN, Umar al udri, transcrito de: GAMITO, Teresa Júdice, *O Algarve e o Magreb*, p.25. Ver também MAGALHÃES, Natércia, *O Legado Arquitectónico Islâmico no Algarve – El Legado Arquitectónico Islâmico en el Algarve*, p.50.

## A ALCÁÇOVA

De igual modo, também é conhecida a localização da antiga alcáçova islâmica, no canto sudoeste da área urbana<sup>180</sup>, sobre a qual se construiu uma moderna unidade fabril<sup>181</sup>. Entre os investigadores, é frequentemente aceite que a alcáçova deve ter sido edificada no séc. IX, durante a fortificação da cidade por ibn Backre<sup>182</sup>, o que não deixa de fazer sentido se tivermos em consideração que a alcáçova funcionava como o último reduto defensivo dentro do perímetro amuralhado. Tal como já anteriormente referimos, "*Bacre ibn láhia ibn Bacre estabeleceu-se na cidade de Santa Maria do cantão de Ossónoba, mandou fazer nela construções diversas e transformou-a numa praça-forte que proveu de portas de ferro*"<sup>183</sup>.

Localizada seguramente no ponto mais alto da cidade<sup>184</sup>, funcionaria como o espaço destinado ao governador enquanto

<sup>180</sup> MAGALHÃES, Natércia, *Algarve - Castelos, Cercas e Fortalezas*, p.100. Ver também *O Legado Arquitectónico Islâmico no Algarve – El Legado Arquitectónico Islâmico en el Algarve*, p.53.

<sup>181</sup> MACIAS, Santiago, "Entre o Algarve e a Serra", in *Terras da Moura Encantada*, p.139.

<sup>182</sup> PAULO, Dália, "As sondagens Arqueológicas Realizadas na Antiga Fábrica da Cerveja de Faro", in *Anais do Município de Faro*, Vols XXXIX/XXX, p.20; AMARAL, Maria da Conceição, *Caminhos do Gharb – Estratégia de interpretação do património islâmico no Algarve: O caso de Faro e de Silves*, p.60; SOUSA, Maria José Nobre de, "A Defesa Islâmica da Ria Formosa", in *Anais do Município de Faro*, Vols XXXIII/XXXIV, p.129.

<sup>183</sup> COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, p. 201.

<sup>184</sup> A arqueóloga Dália Paulo situa a fábrica da cerveja (local da antiga alcáçova islâmica) a 4 metros de altura da Ria Formosa. Ver PAULO, Dália, "As sondagens Arqueológicas Realizadas na Antiga Fábrica da Cerveja de Faro", in *Anais do Município de Faro*, Vols XXXIX/XXX, p.21.

centro do poder, como que uma cidade isolada dentro de uma outra que dominava. Para além da corte local, albergaria funcionários, dignitários e militares por trás de um sistema defensivo normalmente complexo<sup>185</sup>. Segundo Natércia Magalhães, a alcáçova apresentar-se-ia como uma "*praça-forte, local fortificado, palácio no qual vivia o governador com uma importante guarnição militar, podendo estar-lhe associado um pequeno bairro residencial de altos dignitários e sistemas de apoio em caso de cerco*"<sup>186</sup>. De facto, alcáçova apresentou-se ao longo da história da arquitectura militar como um dos sectores em que, de forma mais duradoura e evidente, os muçulmanos introduziram novas formas, técnicas, e terminologias<sup>187</sup>.

No caso de Faro, a alcáçova apresentava muralhas com torreões em todo o seu perímetro. Segundo *O Legado Arquitectónico Islâmico no Algarve*, o acesso ao interior desta alcáçova fazia-se por duas portas: a porta do socorro – voltada para o mar – permitia que uma embarcação saísse em busca de socorro, enquanto a outra porta se abria para a malha urbana da medina<sup>188</sup>. No entanto, para Teresa Gamito, a alcáçova islâmica de Faro nunca terá sido residência de governadores ou reis da cidade ou da taifa de Ukxûnuba, pela simples razão de que "*seriam as zonas mais vulneráveis e perigosas em caso de ataque*"<sup>189</sup>. Para a arqueóloga esta teoria assenta num pressuposto estratégico, pois no caso de Faro, a alcáçova não só estava situada numa zona de baixa altitude, como também se encontrava junto às muralhas da cidade. De-

<sup>185</sup> ROSSA, Walter, "A Cidade Portuguesa", in *História da Arte Portuguesa – Volume 8 – Neoclassicismo e Romantismos (século XIX)*, p.70; GALÁN, Juan Eslava, *Califas, Guerreros, Esclavas y Eunucos – Los moros en España*, p.103.

<sup>186</sup> MAGALHÃES, Natércia, *Algarve - Castelos, Cercas e Fortalezas*, p.292.

<sup>187</sup> ROSSA, Walter, "A Cidade Portuguesa", in *História da Arte Portuguesa – Volume 8 – Neoclassicismo e Romantismos (século XIX)*, p.70.

<sup>188</sup> MAGALHÃES, Natércia, *O Legado Arquitectónico Islâmico no Algarve – El Legado Arquitectónico Islâmico en el Algarve*, p.53; SOUSA, Maria José Nobre de, "A Defesa Islâmica da Ria Formosa", in *Anais do Município de Faro*, Vols XXXIII/XXXIV, p.129.

<sup>189</sup> GAMITO, Teresa Júdice, *O Algarve e o Magreb*, p.63.

## A CIDADE ISLÂMICA DE FARO

pois da conquista da cidade por D. Afonso III, a alcáçova islâmica terá sido readaptada pelos cristãos, tal como era frequente na altura. De resto, nas plantas que conhecemos do séc. XVII, ainda podemos ter uma ideia da configuração geral que a alcáçova teria durante o período medievo-cristão<sup>190</sup>.

A verdade é que no caso de Faro, as sucessivas adaptações, reconstruções e reutilizações acabaram por descaracterizar totalmente o que restava da alcáçova islâmica. Em 1923, no interior da sua área, foi construído um novo arruamento, a Rua do Castelo, destruindo assim a antiga muralha voltada para sul<sup>191</sup>.



**Fig. 8** – Espaço correspondente à antiga alcáçova islâmica

<sup>190</sup> PAULO, Dália, "As sondagens Arqueológicas Realizadas na Antiga Fábrica da Cerveja de Faro", in *Anais do Município de Faro*, Vols XXXIX/XXX, p.21.

<sup>191</sup> MAGALHÃES, Natércia, *Algarve - Castelos, Cercas e Fortalezas*, p.100.



## HAMAM OU BANHOS PÚBLICOS

Os banhos públicos desempenharam, desde sempre, um papel importante na vida das comunidades muçulmanas, uma vez que a limpeza do corpo, no mundo islâmico, é uma obrigação religiosa. Relembramos que até as mesquitas possuíam instalações para as abluções, que incluem a lavagem das mãos, boca, nariz, rosto, antebraços e pés antes da oração.

Em casa, o povo lavava-se utilizando um jarro com água tépida e um alguidar<sup>192</sup>. Nas casas mais abastadas era frequente o uso de banheiras, contudo, este era um luxo que não estava ao alcance da esmagadora maioria da população. A classe de condição económica mais modesta tinha ao seu dispor os *hamans*, ou seja; estabelecimentos para banhos públicos que existiam nas cidades e, por vezes, nas povoações rurais. Estes eram, portanto, espaços públicos que, à maneira das termas romanas, eram destinados não só à higiene, como também à vida social da população.

No caso de Faro desconhece-se onde seria o *hamam* da cidade. Porém, nas sondagens arqueológicas realizadas na antiga fábrica da cerveja de Faro, foram descobertas estruturas que parecem indicar a existência de termas romanas da cidade de Ossónoba. Segundo Dália Paulo, "*a descoberta deste complexo é de extrema importância, sendo mais um contributo para a construção do «puzzle» da cidade romana de Ossónoba*"<sup>193</sup>. Ora,

<sup>192</sup> NUNES, M. C. Vieira Calado Teixeira, "Faro: O Passado e o Presente Muçulmano", in *Anais do Município de Faro*, N. XVII, p.37.

<sup>193</sup> PAULO, Dália, "As sondagens Arqueológicas Realizadas na Antiga Fábrica da Cerveja de Faro", in *Anais do Município de Faro*, Vols XXXIX/XXX, p.45.



FERNANDO PESSANHA

como já anteriormente referimos, as antigas cidades romanas do al-Andaluz acabaram por ser posteriormente ocupadas pelos muçulmanos, pelo que é possível que as termas romanas de Ossónoba tenham sido reaproveitadas durante o domínio islâmico na cidade de Faro.

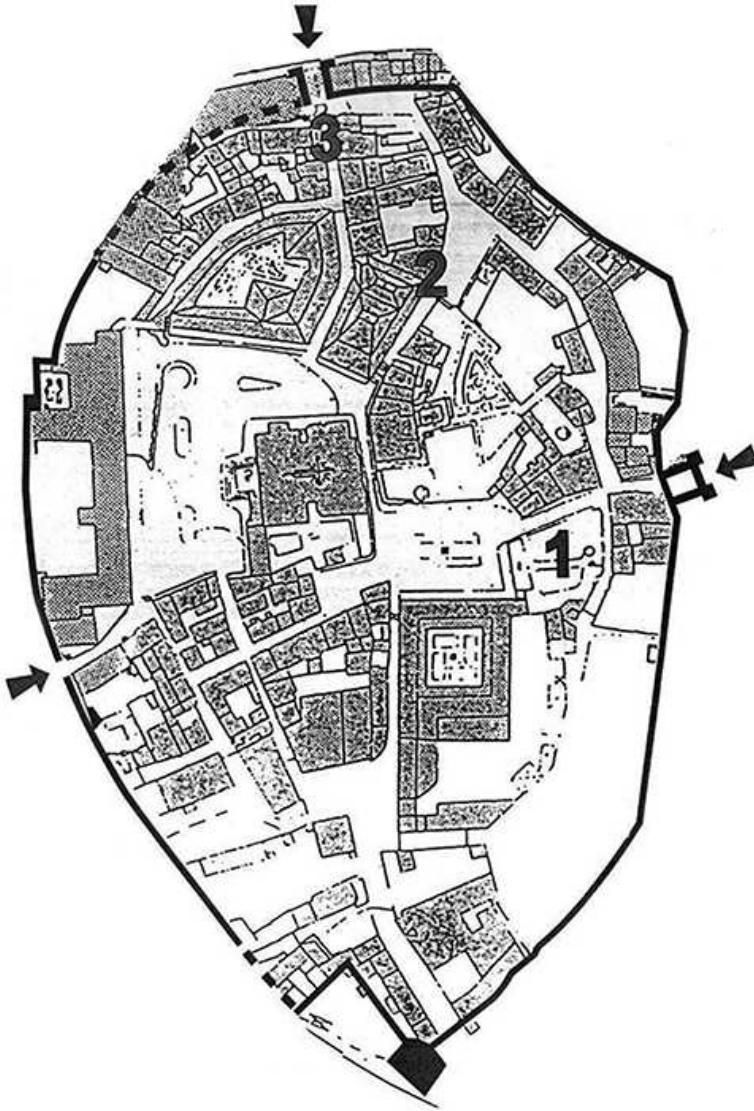


## INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS

As várias intervenções arqueológicas dirigidas por Abel Viana, em 1933, e continuadas por Mário Lyster Franco e Gonçalo Lyster Franco, entre 1940 e 1969, vieram comprovar a localização da cidade romana de Ossónoba<sup>194</sup>. Contudo, não seriam estas as únicas escavações realizadas dentro do centro histórico de Faro. As escavações dirigidas pela reputada arqueóloga Teresa Gamito, nomeadamente na "Horta da Misericórdia" em 1984, 1993 e de 1997 a 2000, no "Quintal da Judiária" em 1987, e "Arco da Vila" em 1996<sup>195</sup>, permitiram a reconstituição histórica dos respectivos sítios através da análise das estruturas urbanas descobertas e dos materiais cerâmicos recolhidos. A análise e cronologia atribuída pela arqueóloga aos diferentes objectos e cerâmicas recolhidas basearam-se principalmente na observação e estudo minucioso da estratigrafia encontrada, assim como na sua comparação com outros sítios arqueológicos do mesmo contexto histórico no Algarve e na Andaluzia.

<sup>194</sup> PEREIRA, Angelina, "Terra Sigillata do Largo da Sé – Faro", in *Anais do Município de Faro*, Vols XXXI – XXXII, pp.64–65.

<sup>195</sup> GAMITO, Teresa Júdice, *O Algarve e o Magreb*, p. 44.



**Fig. 9** – A antiga medina de Faro. Escavações arqueológicas dirigidas por Teresa Gamito: 1-Horta da Misericórdia; 2-Quintal da Judiária; 3-Arco da Vila

## Horta da Misericórdia

Tal como o próprio nome indica, a chamada Horta da Misericórdia era um espaço de cultivo da Misericórdia, o antigo hospital de Faro. Situa-se no Largo de D.Afonso III, junto ao Museu Arqueológico e por trás da Igreja da Sé de Faro. Em 1992, a Horta da Misericórdia foi adquirida pela Câmara Municipal de Faro para expandir a área do museu, pelo que foi possível à arqueóloga Teresa Júdice Gamito proceder a um longo processo de investigação que culminou em sucessivas escavações até ao ano 2000.

A localização da Horta da Misericórdia, por se encontrar próximo de uma das entradas da antiga cidade, o Arco do Repouso, revela-se, portanto, como uma interessante zona a analisar do ponto de vista histórico e arqueológico.



Figs. 10, 11 e 12 – Arco do Repouso

Entre os materiais islâmicos recolhidos destacam-se abundantes cerâmicas de grande interesse e um "*fragmento de candelabro de mesquita*", atestando a proximidade da zona à mesquita maior da cidade<sup>196</sup>.

<sup>196</sup> GAMITO, Teresa Júdice, *O Algarve e o Magreb*, p. 48.



**Fig. 13** – Jarro islâmico    **Fig. 14** – Pote islâmico    **Fig. 15** – Candis islâmicos

No que diz respeito às estruturas descobertas, estas revelam tratar-se de casas simples e pequenas, ruelas estreitas e algumas dependências de utilidade pública, nomeadamente uma cisterna com a sua área de lavagem de roupa e um lagar. Estas descobertas revelaram que esta era uma zona da cidade bastante populosa e talvez um pouco compacta demais, dado o criterioso aproveitamento do espaço urbano. Maria Calado Teixeira Nunes estima mesmo que, de um modo geral, uma só casa cristã ocuparia o mesmo espaço que quatro ou cinco casas muçulmanas, não ultrapassando estas os 50 metros quadrados<sup>197</sup>.

Lamentavelmente, não nos é possível visitar estas estruturas. Não obstante a importância destas descobertas arqueológicas e o impacto que poderiam ter no âmbito do turismo local, as estruturas escavadas na Horta da Misericórdia acabaram por voltar a ser enterradas de modo a criar 12 hortas de 40 metros quadrados<sup>198</sup>. Segundo a Câmara Municipal de Faro, o objectivo passou por fomentar a agricultura biológica e chamar a atenção para as questões ambientais nas cidades. Ora, é francamente lamentável que a escolha do local para tão ecológicas preocupações tenha recaído exactamente num local de inquestionável valor arqueológico, histórico e patrimonial, como se em toda a cidade não existissem espaços mais apropriados para fomentar

<sup>197</sup> NUNES, M. C. Vieira Calado Teixeira, "Faro: O Passado e o Presente Muçulmano", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XVII, p.39.

<sup>198</sup> PESSANHA, Fernando, "Câmara Municipal de Faro desvaloriza Património Arqueológico", in *Jornal do Algarve*, N°2801, Dezembro de 2010, p.15.

a tão bem intencionada política de agricultura biológica!



Fig. 16 – Fotografia parcial das estruturas descobertas na Horta da Misericórdia

Segundo a interpretação da arqueóloga Teresa Gamito<sup>199</sup>, a abundância destas modestas residências habitacionais deve-se à proximidade da entrada mais vulnerável da cidade, o denominado “Arco do Repouso”. Daí a necessidade da construção de uma torre albarrã avançada com portas laterais com o objectivo de proteger esta entrada da cidade. Não podemos esquecer que os períodos almorávida e almóada correspondem a outro importante momento de fortificação e construção de sistemas defensivos, pois a ameaça do avanço cristão começava a tornar-se preocupante para as cidades do Gharb. Tornava-se urgente a necessidade de conceber novas estruturas de defesa, como novas muralhas (agora construídas em taipa), torres albarrãs, couraças e portas em cotovelo<sup>200</sup>, não só em Faro, como

<sup>199</sup> GAMITO, Teresa Júdice, *O Algarve e o Magreb*, p.48.

<sup>200</sup> CATARINO, Helena, “Castelos Muçulmanos do Algarve”, in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, p.455.

também em Loulé, Silves e Tavira<sup>201</sup>. Ainda no que se refere à entrada mais vulnerável de Faro, foi exactamente pelo “Arco do Repouso” que os cristãos entraram quando tomaram a cidade aos muçulmanos<sup>202</sup> e onde, segundo a tradição oral, o monarca português terá repousado depois de conquistada a cidade<sup>203</sup>.



Fig. 17 – Torre albarrã



Fig. 18 – Torres avançadas

Para Cláudio Torres e Santiago Macias, a porta monumental virada a nascente, nas mediações de São Francisco e conhecida por Arco do Repouso (que tanto podia ser axial como em cotovelo), viu o seu traçado ser completamente desfigurado no século XVIII. Apresentam, porém, “*duas fortes torres albarrãs a que não repugna atribuir fábrica Almóada*”<sup>204</sup>. Com efeito, Rócio Álvaro Sanchez atribui a este período o uso da taipa militar e da entrada em cotovelo, assim como “*las torres albarranas (...)*”

<sup>201</sup> Esta política no que se refere à construção de estruturas defensivas não foi aplicada somente às áreas urbanas, como também em contexto rural, como podemos ver no caso castelo de Paderne, em Albufeira, ou no castelo de Salir, em Loulé.

<sup>202</sup> AMARAL, Maria da Conceição, *Caminhos do Gharb – Estratégia de interpretação do património islâmico no Algarve: O caso de Faro e de Silves*, p.61.

<sup>203</sup> MAGALHÃES, Natércia, *O Legado Arquitectónico Islâmico no Algarve – El Legado Arquitectónico Islâmico en el Algarve*, p.55. Ver também *Algarve - Castelos, Cercas e Fortalezas*, p.101.

<sup>204</sup> TORRES, Cláudio & MACIAS, Santiago, *O Legado Islâmico em Portugal*, p.195. Ver também TORRES, Cláudio, “O Al Garbe”, in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, p.435.



*ejemplo de lo cual encontramos uno de los mejores conservados (...) en la fortaleza de Faro*"<sup>205</sup>. Tal como pode ser verificado na imagem seguinte, as duas torres avançadas e a entrada lateral subsistem ainda hoje, apesar das remodelações ocorridas no séc. XVIII, dando-nos assim uma remota ideia de como seriam em época islâmica.



Fig. 19 – Torres avançadas e entrada lateral

Com a vulnerabilidade desta entrada, não será de estranhar que a população mais rica e influente da cidade preferisse as zonas mais protegidas, como pode ser confirmado pela descoberta de casas mais espaçosas e ricas no Quintal da Judiária, próximo de outra entrada da cidade, a Porta de Nossa Senhora de Entre-Águas<sup>206</sup>. Esta outra entrada, muito mais resguardada, apontava directamente para o sapal da Ria Formosa e poderá ter tido uma ponte levadiça.

De modo geral, os materiais recolhidos e as estruturas

<sup>205</sup> ÁLVARO SÁNCHEZ, Rócio, "Luces y sombras en el Faro musulmán. En torno a algunos aspectos de la tipología cerámica del sondeo 1/AO68/UE 101 del museo Faro", in *Xelb 9 – 6º Encontro de Arqueologia do Algarve*, p.449.

<sup>206</sup> MARTINS, Miguel Gomes, *De Ourique a Aljubarrota – A Guerra na Idade Média*, p.182.

analisadas apontam para uma ocupação da cidade com maior evidência a partir do séc. IX/X, o que vai de encontro às informações que nos chegaram sobre a ocupação muçulmana das cidades, pois sabemos que o rápido processo de conquista não permitiu que as chefias militares deixassem guarnições numerosas para afirmar uma sólida ocupação<sup>207</sup>. Recordamos que apesar de o chefe supremo dos iemitas, Abû Sabah al-Yamani, ter sido nomeado *vali* de Uqxûnuba a seguir à conquista da cidade, deslocou-se depois para a alcaria de Mora, perto de Sevilha<sup>208</sup>, pelo que certamente terá levado consigo parte significativa do seu séquito muçulmano. De resto, este é um factor que acabaria por ter repercussões ao nível do próprio processo de islamização, processo esse que segundo Adel Sidarus terá sido "*lento, difuso e mais sociológico que religioso*"<sup>209</sup> nos primeiros séculos do domínio islâmico em Ossónoba.

### Quintal da Judiária

O Quintal da Judiária situa-se na artéria que circunscrevia a muralha, entre o Arco do Repouso e o Arco da Vila. Depois de a Delegação da Polícia Judiciária de Faro ter adquirido a sede da antiga Acção Católica e ter começado a abrir buracos no quintal voltado para a Rua Rasquilho, vários vestígios de níveis arqueológicos foram postos a descoberto.

Nestas escavações de emergência, realizadas em três fases (entre Fevereiro e Setembro de 1987)<sup>210</sup>, foram descobertas duas camadas de ocupação: uma primeira camada, correspondente aos séculos VIII-IX, e uma segunda camada, correspon-

<sup>207</sup> GAMITO, Teresa Júdice, *O Algarve e o Magreb*, p.48.

<sup>208</sup> NUNES, M. C. Vieira Calado Teixeira, "Faro: O Passado e o Presente Muçulmano", in *Anais do Município de Faro*, N. XVII, p.33.

<sup>209</sup> SIDARUS, Adel, "A islamização religiosa do extremo Gharb Al-Andaluz (séculos VIII – X)", in *Portugal, Espanha e Marrocos – O Mediterrâneo e o Atlântico*, p.122.

<sup>210</sup> GONÇALVES, Célia & SILVA, Tânia, "O Período Islâmico em Faro – Resultados Preliminares, ", in *Xelb 9 – 6º Encontro de Arqueologia do Algarve*, p.559.



dente aos séculos IX-XIII.



Fig. 20 – Quintal da Judiária. Fase final das escavações

Relativamente aos materiais islâmicos recolhidos na primeira camada (séc. VIII-IX), foram encontrados alguns materiais cerâmicos de algum interesse, assim como algumas estruturas constituídas por pavimentos (lajes calcárias rectangulares, bem talhadas e de dimensões consideráveis). Entre as estruturas descobertas encontram-se também poços e um silo de armazenamento sistematicamente utilizado ao longo dos vários níveis de ocupação. Tal como nos diz a arqueóloga Teresa Júdice Gamito, "*abriram-se um poço e um silo para armazenamento. Estes dois níveis islâmicos seriam datáveis do século VIII/IX e do século IX a XIII*"<sup>211</sup>. Dos mesmos poços e silos foram retiradas várias cerâmicas entulhadas mas sem referência estratigráfica definidora, o que dificultou, naturalmente, a atribuição de uma

<sup>211</sup> GAMITO, Teresa Júdice, *O Algarve e o Magreb*, p.61.

cronologia. Contudo, a maior parte das cerâmicas estudadas integram-se cronologicamente a partir da época califal<sup>212</sup>. No que diz respeito à segunda camada, (séc. IX-XIII) foram recolhidas várias moedas, abundantes cerâmicas vidradas, um candil de Bronze (com forma de cabeça de pássaro) atribuído aos séculos X-XI, e uma panela decorada<sup>213</sup>.



Fig. 21 – Candil de Bronze descoberto no Quintal da Judiária

Segundo Santiago Macias, o símbolo das casas islâmicas medievais, confundia-se, até há pouco tempo, com luxuosos palácios onde os grandes senhores se dedicavam a uma vida contemplativa. *“Este mito, que sítios como o Alhambra, em Granada, convertem em verdade absoluta, é difícil de transportar para a maior parte das habitações que existiram em povoações como Mértola ou Faro”*<sup>214</sup>. Esta ideia de Santiago Macias parece ir de encontro aos resultados de escavações como os que foram efectuados no Quintal da Judiária; a abundância dos materiais recolhidos onde se podem encontrar peças de alto valor

<sup>212</sup> GONÇALVES, Célia & SILVA, Tânia, “O Período Islâmico em Faro – Resultados Preliminares, ”, in *Xelb 9 – 6º Encontro de Arqueologia do Algarve*, p.602.

<sup>213</sup> GAMITO, Teresa Júdice, *O Algarve e o Magreb*, pp.61-62.

<sup>214</sup> MACIAS, Santiago, “Casas Urbanas e Quotidiano no Gharb al- andaluz”, in *Portugal Islâmico – Os Últimos Sinais do Mediterrâneo*, p.109.

económico, social e cultural<sup>215</sup> e a qualidade dos pavimentos, revelam uma zona da cidade consideravelmente mais rica que a Horta da Misericórdia, sem, no entanto, aproximar-se da ideia romântica que foi criada em torno da luxuosa cidade islâmica medieval. De resto, a localização das estruturas descobertas no Quintal da Judiciária, próxima da entrada mais protegida da antiga cidade islâmica, o actual Arco da Vila, revela tratar-se efectivamente da zona nobre da cidade, seguramente a zona residencial da população mais distinta e importante.

### Arco da Vila

A intervenção no Arco da Vila foi muito breve, contudo, serviu para pôr a descoberto uma entrada da cidade antiga que se encontrava enterrada ao nível da rua. Já em 1984 que José Garcia Domingues tinha referido a existência desta porta de arco em ferradura "*à direita de quem entra na Vila a Dentro*"<sup>216</sup>. Finalmente em 1996, a investigadora Teresa Júdice Gamito teve a oportunidade de fazer uma intervenção arqueológica no local.

Entre as estruturas descobertas temos a apontar a antiga rua, um banco de pedra e a totalidade da entrada da antiga cidade<sup>217</sup> que, segundo Francisco Lameira, apresenta o "*único arco em ferradura conservado no Algarve, atribuído ao séc. XI*"<sup>218</sup>, sendo uma das mais antigas e monumentais construções de época islâmica existentes no nosso país.

Santiago Macias aponta para este monumental arco ultrapassado uma cronologia entre finais do séc. IX e meados do

<sup>215</sup> GONÇALVES, Célia & SILVA, Tânia, "O Período Islâmico em Faro – Resultados Preliminares, ", in *Xelb 9 – 6º Encontro de Arqueologia do Algarve*, p.602.

<sup>216</sup> DOMINGUES, José Garcia, "Homens Célebres e Famílias Ilustres do Algarve na Época Árabe", in *3º Congresso do Algarve*, p.78.

<sup>217</sup> GAMITO, Teresa Júdice, *O Algarve e o Magreb*, p.65.

<sup>218</sup> LAMEIRA, Francisco, *Faro a Arte na História da Cidade*, p.22. Ver também MAGALHÃES, Natércia, *O Legado Arquitectónico Islâmico no Algarve – El Legado Arquitectónico Islâmico en el Algarve*, p.54.

séc. XI. Segundo o próprio, as aduelas que compõem o arco, alternando diferentes cromaturas, aproximam-se dos modelos clássicos andaluzes e têm paralelo "*com idêntico princípio posto em prática na Grande Mesquita de Córdoba*"<sup>219</sup>.



Fig. 22 – Arco da Vila

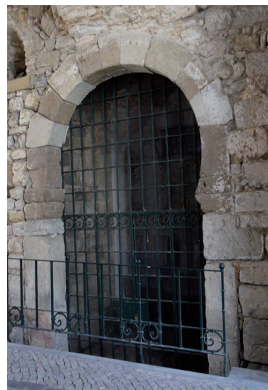


Fig. 23 – Arco Ultrapassado

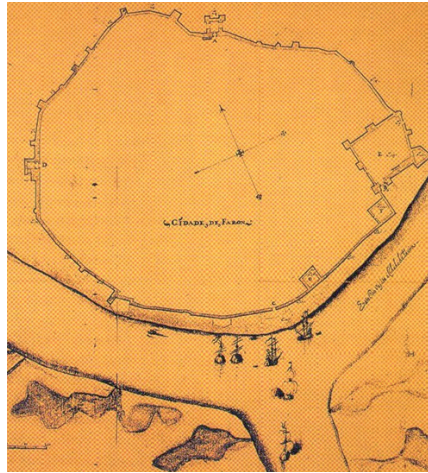
Ainda a respeito desta entrada diz-nos Natércia Magalhães: "*À direita de quem entra no Arco da Vila, atribuída ao período Emiral-Califal, localiza-se uma das portas da cidade islâmica que, possivelmente, se desenvolveria em cotovelo*"<sup>220</sup>, tal como nos é sugerido pela Fig 24. A verdade é que este tipo de entrada em cotovelo apresenta-se como uma das características mais evidentes da arquitectura militar islâmica e viria a ser usada persistentemente pela arquitectura militar portuguesa<sup>221</sup>.

<sup>219</sup> MACIAS, Santiago, "Entre o Algarve e a Serra", in *Terras da Moura Encantada*, p.141. Ver também TORRES, Cláudio, "O Al Garbe", in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, p.435.

<sup>220</sup> MAGALHÃES, Natércia, *Algarve - Castelos, Cercas e Fortalezas*, p.100.

<sup>221</sup> ROSSA, Walter, "A Cidade Portuguesa", in *História da Arte Portuguesa – Volume 8 – Neoclassicismo e Romantismos (século XIX)*, p.70.

## A CIDADE ISLÂMICA DE FARO



**Fig. 24** – Planta seiscentista das muralhas onde se distingue a entrada em cotovelo

De resto, os sulcos escavados que ainda hoje se podem encontrar nas paredes laterais desta entrada sugerem a existência de uma ponte levadiça que faria a ligação ao sapal. Deve-se também realçar o facto de existir uma representação iconográfica desta porta, datada do séc. XIII, nas iluminuras que decoram a cantiga *Esta é dun miragre que mostrou Santa Maria en Faaron quando era de mouros*, de Afonso X de Leão e Castela, avô do rei D. Dinis de Portugal.

## Espólio Arqueológico

O Museu Arqueológico infante D. Henrique, instalado no Convento da Assunção, apresenta-nos um interessante espólio arqueológico, nomeadamente no que se refere a um conjunto de cerâmicas de indústria almorávida e almóada recolhidas desde os anos 30 do século XX<sup>222</sup>, para além da colecção epigráfica relativa a este período. Este espólio arqueológico, representativo da presença islâmica em Faro, integra-se no itinerário/exposição "Terras da Moura Encantada", no seu VII circuito – Entre a Serra e o Mar.



Fig. 25 – Cerâmicas islâmicas



Fig. 26 – Candis islâmicos

De modo geral, entre o espólio arqueológico apresentado, podemos encontrar um conjunto de cerâmicas representativas da actividade comercial da cidade, nomeadamente através de cerâmicas para armazenamento, transporte e conservação de produtos sólidos e líquidos. Segundo Rocio Álvaro Sánchez, o carácter comercial da antiga cidade islâmica de Faro, referenciado pelas fontes, está atestado pela abundância destas cerâmicas que sublinham o carácter do comércio e da actividade

<sup>222</sup> VIANA, Abel, "Ossónoba – O problema da sua localização", in *separata do Volume LXII da «Revista Guimarães»*, p.21.



marítima da cidade<sup>223</sup>.

Contudo, também podemos encontrar inúmeros utensílios domésticos, como louça de cozinha, louça de mesa e objectos de uso lúdico e de uso múltiplo. Para a arqueóloga Susana Gómez Martínez, "a cerâmica é também reflexo de muitas outras faces de uma cultura: os hábitos alimentares e do quotidiano, a engrenagem económica de uma sociedade, a evolução tecnológica, o imaginário e o horizonte simbólico de um povo"<sup>224</sup>. Se seguirmos o raciocínio de Susana Gómez Martínez, torna-se absolutamente sedutor contemplar o espólio arqueológico desta exposição, antevendo nos materiais arqueológicos apresentados os hábitos culturais de uma civilização que durante cinco séculos dominou a antiga cidade de Faro.



Figs. 27 e 28 – Cerâmicas islâmicas

Para além do conjunto de cerâmicas de cronologia almorávida e almóada, recolhidas junto à Sé Catedral durante os anos 30, podemos ainda contemplar cinco lápides epigrafadas que fazem parte da colecção do Museu Municipal de Faro. Estas são

<sup>223</sup> ÁLVARO SÁNCHEZ, Rócio, "Luces y sombras en el Faro musulmán. En torno a algunos aspectos de la tipología cerámica del sondeo 1/AO68/UE 101 del museo Faro", in *Xelb 9 – 6º Encontro de Arqueologia do Algarve*, p.452.

<sup>224</sup> GÓMES-MARTÍNEZ, Susana, "A Cerâmica no Gharb al-Ândaluz", in *Portugal Islâmico – Os Últimos Sinais do Mediterrâneo*, p.121.

provenientes de vários pontos do Algarve e evocam o passado islâmico da região. A mais mediática destas lápides assinala a construção de uma torre em Silves, em 1227, pouco antes da conquista definitiva da cidade. As restantes lápides são funerárias, sendo uma proveniente do Sítio das Pontes, em Salir, e a outra da zona de Odeleite<sup>225</sup>.



**Figs. 29 e 30** – Lápide funerária



**Fig. 31** – Lápide comemorativa

<sup>225</sup> MACIAS, Santiago, "Entre o Algarve e a Serra", in *Terras da Moura Encantada*, p.141.



## Esta é dun miragre que mostrou Santa Maria en Faaron quando era de mouros

Com efeito, já aqui referimos por diversas vezes a cantiga *Esta é dun miragre que mostrou Santa Maria en Faaron quando era de mouros*, de Afonso X de Leão e Castela, o Sábio. A respectiva cantiga, já magistralmente estudada por notáveis vultos da historiografia algarvia, como Francisco Fernandes Lopes<sup>226</sup> ou José Garcia Domingues<sup>227</sup>, trata de um célebre milagre ocorrido em Santa Maria al-Harun, quando a cidade se encontrava sob domínio muçulmano e em posse do último rei mouro do Algarve, Aben Mafon. Ora, de uma maneira muito breve, diz-nos a cantiga que a imagem da virgem colocada sobre as ameias da cidade de Faro foi atirada ao mar pelos muçulmanos e que a partir desse momento as águas deixaram de dar peixe. Somente quando a imagem foi recolocada e novamente exposta, as pescarias recomeçaram. No entanto, uma análise mais cuidada da respectiva cantiga acaba por levantar diversos problemas.

<sup>226</sup> LOPES, Francisco Fernandes, *A Música das Cantigas de Santa Maria e Outros Ensaios*, pp.57-62.

<sup>227</sup> DOMINGUES, José Garcia, *Ossónoba na Época Árabe*, pp.47-53.



## Esta é dun miragre que mostrou Santa Maria en Faaron quando era de mouros

Pesar à Santa Maria de quen por desonrra faz  
dela mal a ssa omagen, e caomia-llo assaz.

Desto direi un miragre que feso en faaron  
a Virgen Santa Maria en tempo d' Aben Mafon,  
que o reino do Algarve ti' aquela sazón  
a guisa d' om' esforçado, quer en guerra, quer en paz.  
Pesar à Santa Maria de quen por desonrra faz...

En aquel castel' avia omagen, com' apres' ei  
da Virgen mui groriosa, feita como vos direi  
de pedra bem fegurada, e, com' eu de cert' achei,  
na riba do mar estava escontra ele de faz.  
Pesar à Santa Maria de quen por desonrra faz...

Bem do tempo dos crischãos e sabian y estar,  
e porende os cativos a yan sempr' a orar,  
e Santa Maria' a vila de Faaron nomar  
por aquesta razon foron. Mas o poboo malvaz  
Pesar à Santa Maria de quen por desonrra faz...

Dos mouros que y avia ouveron gran pesar en,  
e eno mar a deitaron sannudos com gran desden;  
mas gran miragre sobr' esto mostrou a Virgen que ten  
o mund' en seu mandamento, a que soberva despraz.  
Pesar à Santa Maria de quen por desonrra faz...

Ca fez que niun pescado nunca poderon prender  
enquant' aquela omagen no mar leixaron jazer.  
Os mouros, pois viron esto, fórona dali erger  
e posérona no muro ontr' as amas em az.  
Pesar à Santa Maria de quen por desonrra faz...

Des i tan muito pescado ouveron des enton y,  
que nunca tant' y ouveram, per com' a mouros oy  
dizer e aos crischãos que o contaron a mi;  
poren loemos a Virgen en que tanto de bem jaz.  
Pesar à Santa Maria de quen por desonrra faz..."

Cantiga CLXXXIII, de Afonso X, O Sábio

## Interpretação da cantiga

Santa Maria sente pesar de quem a desonrou, de quem desrespeitou a sua imagem, por isso castiga quem assim procedeu. Desta feita, contarei um milagre que (a santa) fez em Faro no tempo de Aben Mafon que, naquela época, era o senhor do reino do *Algarue*, sendo ele um homem de modos esforçados, quer na guerra quer na paz. Naquele castelo havia uma imagem da virgem muito gloriosa, feita, como vos direi, de pedra bem figurada, e, como eu decerto achei, estava acima do mar e voltada para ele. Sabia-se que esta imagem estava ali desde o tempo dos cristãos, e por isso, durante o domínio dos mouros, os cristãos, cativos deles, continuavam a vir adorá-la sempre, e por essa razão se chamava à vila de Faro, Santa Maria. Mas o povo maldito dos mouros que aí havia teve grande arrelia com isso; e irados, com grande desdém, deitaram a imagem ao mar. Mas grande milagre fez então a Virgem que manda no mundo e a quem desagrada a soberba; porque fez com que nunca mais os mouros pudessem apanhar peixe algum enquanto ficasse a sua imagem no mar. Os mouros, logo que viram isto, foram-na tirar dali e vieram pô-la na muralha, entre as ameias, em frente ao mar. Desde então tiveram muito peixe, tanto como nunca tinham tido, conforme eu ouvi dizer a mouros e cristãos que me contaram. Por isso louvemos a Virgem em quem tanto bem reside.

### Problemática:

Com efeito, não parecem haver muitas dúvidas quanto à cronologia avançada para a compilação das *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X, o Sábio (1221-1284). A maioria dos investigadores aponta para a segunda metade do séc. XIII, por volta de 1280. No entanto, os acontecimentos narrados na cantiga *Esta é dun miragre que mostrou Santa Maria en Faaron quando era*

de mouros, remetem-nos para uma época anterior, aquando do reinado de Aben Mafon. Efectivamente, sabemos que entre 1234 e 1263 as cidades e povoações muçulmanas a ocidente de Sevilha constituíram o emirato do Algarve, unificado pelo antigo governador de Niebla, e que era conhecido entre os cristãos como Aben Mafon<sup>228</sup>. Estes dados permitem-nos depreender que segundo a cantiga de Afonso X, os acontecimentos descritos teriam ocorrido entre 1234 e 1249, data da conquista de Faro por Afonso III de Portugal.

No entanto, um outro documento histórico, escrito em 1190, aquando da passagem dos cruzados ingleses com destino à Terra Santa, parece contradizer a informação da cantiga de Afonso X, pois revela que tais acontecimentos não terão ocorrido entre 1234 e 1249, mas sim antes de 1190. Segundo Jaime Ferreiro Alemparte em *Costas de la Península Ibérica*, já o respectivo milagre se encontrava documentado na crónica de Ricardo I de Inglaterra: "*El milagro de la cantiga 183 (...) se encuentra ya relatado en la Crónica del Rey Ricardo I de Inglaterra, com motivo de paso por delante de la ciudad a finales de Júlio de 1190 de los cruzados ingleses en dirección a Tierra Santa*"<sup>229</sup>. Este apresenta-se, portanto, como um dado importante, pois situa a acção antes do século XIII, ou seja; pelo menos meio século antes do tempo de Aben Mafon e um século antes de ter sido documentada na cantiga 183 de Afonso X.

Assim sendo, porque razão situa Afonso X, o Sábio, a acção no tempo de Aben Mafon? A verdade é que a conquista de Faro e do restante Algarve por D. Afonso III veio na sequência dos problemas políticos gerados pelo conflito entre D. Sancho II e o seu irmão, o Conde de Bolonha. Ora, tendo D. Afonso III saído vitorioso de uma guerra civil ainda recente, necessitava afirmar a autoridade régia sobre os nobres e os bispos que tinham de-

<sup>228</sup> HENRIQUES, António Castro, *Conquista do Algarve 1189-1249*, p. 59; HERCULANO, Alexandre, *História de Portugal - Volume II - Desde o começo da Monarquia até ao fim do Reinado de Afonso III*, p.24.

<sup>229</sup> ALEMPARTE, Jaime Ferreiro, *Costas de la Península Ibérica*, p.186.

sobedecido abertamente o seu irmão. Desta forma, tornava-se urgente recompensar os que o tinham apoiado com terras e rendas obtidas à custa de um inimigo enfraquecido: Aben Mafon.

Combatendo este inimigo da cristandade, o novo monarca honrava ainda a promessa feita ao papa Inocêncio IV de organizar uma expedição contra os infiéis, caso ocupasse o trono. Comandando esta empresa, D. Afonso III legitimava o trono perante a nobreza, o clero e o próprio papa. Contudo, punha-se um problema diplomático por resolver; o Algarve era, teoricamente, parte integrante do reinado de Aben Mafon, um vassalo de Afonso X, o Sábio. Tal como Alexandre Herculano bem observou, "*Ibn Mahfot (...) negociou com o infante de Castela ceder-lhe o direito que tinha ou suponha ter nos distritos ao ocidente do Guadiana e, segundo cremos, o infante assegurou-lhe a conservação futura do senhorio de Niebla ou do Algarve, quase à maneira de feudo*"<sup>230</sup>. Uma vez conquistado Faro e o restante Algarve por D. Afonso III, a questão só viria a ser resolvida através do Tratado de Badajoz, em 1267, no qual D. Afonso X abdica das suas pretensões, fazendo do seu neto (filho de D. Afonso III e D. Beatriz) o herdeiro legítimo do reino do Algarve.

Dadas as circunstâncias, tudo aponta para que a cantiga tenha sido escrita antes do tratado de Badajoz de 1267, numa altura em que os dois monarcas ainda não teriam chegado a acordo sobre a posse de Faro e do restante Algarve. A alusão que D. Afonso X, o sábio, faz a Aben Mafon, seu vassalo, não poderá, portanto, significar outra coisa senão legitimar a sua soberania sobre as terras algarvias entretanto conquistadas por D. Afonso III. Outro facto bastante interessante, mas em nada ingénuo, são as armas de Leão e Castela que podemos encontrar nas iluminuras que acompanham a respectiva cantiga e que retratam o alegado milagre e a cidade de Faro.

<sup>230</sup> HERCULANO, Alexandre, *História de Portugal - Volume II - Desde o começo da Monarquia até ao fim do Reinado de Afonso III*, p.25. Ver também DOMINGUES, José Garcia, *Aben Mafon e a Conquista do Algarve Pelos Portugueses na «Adh-Dhakhryra As-sanyya»*, p.25.

## CONCLUSÃO

Escusado será referir a rica herança cultural que os muçulmanos deixaram na única província portuguesa que mantém o nome de origem árabe: o al-Gharb. Os cinco séculos de domínio islâmico na região, e em Faro, deixaram marcas tão profundamente vincadas que ainda subsistem, apesar de passados mais de setecentos e cinquenta anos da conquista cristã. Essas marcas encontram-se na nossa singularidade patrimonial: na nossa toponímia, nos nossos vocábulos, na nossa gastronomia, na nossa história e cultura. Com efeito, os muçulmanos foram portadores de uma cultura avançada para a época, pelo que a cidade islâmica de Faro, inicialmente capital da *kura* de Uxúnuba, cedo absorveu as novas realidades culturais, dando origem à escola poética de Faro, e a intelectuais como ibn Sálíh, al-Alam ou ibn Aladame Assantamarí.

A história de Faro durante o domínio islâmico prima ainda pela sua originalidade em relação a outros núcleos urbanos no contexto algarvio. Ao contrário de cidades como Silves, onde se fixou uma importante comunidade iemita e onde al-Idrisi dizia que se falava um árabe puro, Faro conservou a sua considerável população moçárabe, apesar do domínio muçulmano na cidade. A tolerância dos governantes para com a língua e religião dos dominados mostra bem até que ponto as relações entre cristãos e muçulmanos podem ter sido exequíveis. Não devemos esquecer que quando o califa Abd al-Rahman III se dispôs a depor os governadores que escapavam ao controlo político e fiscal de Córdoba, a população de Faro terá apoiado o seu governador ibn Backre, razão pela qual o califa terá permitido



a sua continuação no governo da cidade. Ora, o mais provável é que tenham sido os próprios moçárabes a apoiar o seu governador, também ele pertencente a uma família de *muladis*, ou seja; hispano-godos convertidos ao islão. De resto, até as referências ao importante culto à virgem Maria ou a própria mudança do nome de Uqxûnuba para Santa Maria, mostram bem o poder que esta população moçárabe tinha numa cidade política e militarmente dominada pelos muçulmanos.

Também as várias intervenções arqueológicas que tiveram lugar no centro histórico de Faro permitiram que o nosso conhecimento em relação à antiga cidade islâmica aumentasse de maneira significativa. De modo geral, os materiais e as estruturas urbanas que têm vindo a ser descobertas desde as intervenções de Abel Viana, em 1933, continuadas por Mário Lyster Franco e Gonçalo Lyster Franco entre 1940 e 1969, e aprofundadas por Teresa Gamito entre 1989 e 2001, apontam para uma ocupação da cidade com maior evidência a partir do séc. IX/X, o que vai de encontro às informações que nos chegaram sobre a ocupação islâmica das cidades. Sabemos que a rapidez com que se deu a conquista não permitiu deixar nos meios urbanos uma efectiva guarnição militar suficientemente forte para afirmar a sua ocupação, o que poderá explicar o lento processo de islamização nos primeiros séculos do domínio islâmico em Ossónoba<sup>231</sup>.

Contudo, os materiais recolhidos nos níveis correspondentes aos séculos X – XIII, indicam uma maior abundância dos materiais de estilo marcadamente oriental, o que poderá traduzir um considerável aumento das populações islâmicas na cidade. Este aumento das populações islâmicas na antiga cidade estará certamente relacionado com alguma estabilidade económica e social verificada no Gharb al-Andaluz com o aparecimento dos pequenos reinos taifas, pois sabemos através da *Crónica Anóni-*

<sup>231</sup> SIDARUS, Adel, "A islamização religiosa do extremo Gharb Al-Andaluz (séculos VIII – X)", in *Portugal, Espanha e Marrocos – O Mediterrâneo e o Atlântico*, p.122.



*ma dos Reinos de Taifas* que no que se refere a Faro “*fue el mejor de los reinados en razón de su política, de sus buenas acciones, de su energía y de su justicia*”<sup>232</sup>. Com efeito, é no século XI que Faro torna-se capital do reino taifa de Santa Maria de Harun, com jurisdição sobre o Algarve central e oriental, até ao Guadiana. Dada a prosperidade marítima e comercial referenciada pelas fontes, não será, portanto, de estranhar a maior abundância de materiais arqueológicos verificados nestes contextos.

Por outro lado, com a invasão dos almorávidas e mais tarde dos almóadas, o al-Andaluz foi alvo de um considerável aumento demográfico por parte das populações magrebina oriundas do sul de Marrocos e profundamente islamizadas, o que acaba por se reflectir na abundância de materiais cerâmicos de tipologia e decoração de tradição marcadamente norte africana. De resto, as evidências arqueológicas parecem apontar nesse sentido tanto pelas cronologias dos materiais recolhidos, como pelos vestígios das indústrias verificadas na arquitectura da antiga cidade. Apesar das escassas conclusões que hoje se podem tirar em relação a esta antiga cidade islâmica, os inegáveis progressos científicos de que a arqueologia tem vindo a ser alvo ao longo dos últimos anos, poderão certamente alargar num futuro próximo os nossos conhecimentos actuais.

À excepção dos escassos investigadores que aqui aproveitaram para prestar respeitosa homenagem, como José Garcia Domingues, Teresa Gamito, Cláudio Torres, Santiago Macias e Susana Gómez-Martínez, muito pouco tem sido feito para salvaguardar a singularidade de um património que poderia contribuir para uma maior aproximação entre os povos, e que poderia contribuir sobremaneira para a fruição cultural e turística na cidade e na região. Tão rica herança histórica, patrimonial e cultural bem merece mais estudos que protejam e preservem uma singularidade que se está em vias de perder...

<sup>232</sup> ÁLVARO SÁNCHEZ, Rócio, “Luces y sombras en el Faro musulmán. En torno a algunos aspectos de la tipología cerámica del sondeo 1/AO68/UE 101 del museo Faro”, in *Xelb 9 – 6º Encontro de Arqueologia do Algarve*, p.451.



## GLOSSÁRIO

**Abássida** – Dinastia dos califas de Bagdad que sucedeu a dinastia Omíada de Damasco, em meados do séc. VIII d.C.

**Abáidas** – Dinastia taifa de Sevilha que anexou os pequenos reinos taifas de Faro e Silves, no séc. XI d. C.

**Aduela** – Material pétreo talhado que integra arcos e abóbadas.

**Al-Andaluz** – Designação que compreende a Península Ibérica sob domínio islâmico entre os séculos VIII e XV.

**Albarrã** – Torre defensiva projetada para o exterior das muralhas e unida a estas por uma passagem. Permitia atacar os invasores pelas costas.

**Alcácer** – Fortaleza ou praça-forte. Ultimo reduto defensivo dentro de uma cidade e local de residência do governador e da guarnição militar.

**Alcáçova** – Do árabe *al-qâsaba*. Palácio fortaleza do rei ou senhor, geralmente num dos ângulos interiores das muralhas de uma cidade e com uma porta para o exterior.

**Alcaide** - Juiz islâmico. Deu origem à palavra portuguesa “alcalde”. Também se associa a um cargo honorífico, comandante de tropas.

**Alcaria** – Povoado rural, aldeia.

**Alcorão** – Livro sagrado do Islão.

**Aljama** – Mesquita maior.

**Al-Mahala** – Do árabe *al-Mahalla*. Em Marrocos significa exército ou corpo expedicionário. Pode ser também associado ao local onde se encontra o sultão e a sua guarda.

**Almóadas** – Dinastia berbere oriunda de Marrocos. Dominou o al-Andaluz entre a segunda metade do século XII e a terceira década do séc. XIII.

**Almorávidas** - Dinastia berbere oriunda do sul de Marrocos. Dominou o al-Andaluz entre os últimos anos do séc. XI e a primeira metade do século XII.

**Almoxarife** – O almoxarife era um tesoureiro. Competia-lhe receber o dinheiro, o trigo, as roupas, os materiais e velar pela sua guarda e efectuar os pagamentos conforme as ordens das competentes autoridades. Era um cargo importante não somente pela remuneração mas também pelo poder que assegurava.

**Almuadem** – Homem encarregado de anunciar as horas canónicas das orações aos muçulmanos. O apelo destes homens à oração era proclamado do alto dos minaretes das mesquitas.

**Árabes** – Grupo étnico proveniente da Península arábica. Instalaram-se no al-Andaluz após a Batalha de Guadalete.

**Arco em ferradura** – Arco típico da arquitectura islâmica.

**Atalaia** – Do verbo árabe *talaa* (subir, procurar). Aquele que se encontra num posto de vigia. Também se chama atalaia a uma torre assente em alguma eminência ou elevação donde se observa ao longe o mar ou a terra.

**Arraial** – Alojamento de um exército.

**Baladi** – Designação que se refere aos muçulmanos que se instalaram na Península Ibérica antes da chegada dos contingentes militares sírios e egípcios.

**Barbacã** – Muro defensivo situado em frente à muralha e à torre albarrã.

**Berbere** – População autóctone do Magrebe anterior à conquista árabe, que permaneceu na respectiva área linguística e cultural depois de islamizada. Etimologicamente, o termo berbere designa “bárbaro”.

**Borge** – Deriva do árabe *burj*. Bastião ou torre de uma fortaleza.

**Cadi** – Do árabe *qâdi*. Juiz nos tribunais muçulmanos, especialmente no que se refere aos assuntos religiosos. Vocábulo que deu origem à palavra portuguesa alcaide.

**Califa** – Soberano muçulmano descendente do profeta.

**Cáfila** – Do árabe *qâfila*. Devemos compreender por caravana ou grupo de viajantes.

**Couraça** – Pano de muralha que permitia o acesso a determinado ponto.



**Entrada em cotovelo** – Trata-se de um sistema defensivo frequente no al-Andaluz a partir do século XI. O posicionamento lateral desta porta coloca o sitiador numa posição vulnerável, pois a entrada em cotovelo encontra-se frequentemente protegida por uma torre albarrã.

**Emirado** – Território subordinado ao poder do emir (comandante ou líder militar).

**Gharb al-Andaluz** – Território sob domínio muçulmano que corresponde ao ocidente do al-Andaluz.

**Hamam** – Banhos públicos equivalentes às termas romanas. Desempenhavam um importante papel na vida social das comunidades muçulmanas.

**Hisn** – Fortificação ou castelo.

**Kura** – Província ou divisão administrativa.

**Judeus** – Grupo semita inicialmente proveniente da Judeia. A sua religião, considerada imperfeita pelos muçulmanos, foi tolerada durante o domínio islâmico no al-Andaluz.

**Jund** – Termo usado para designar as regiões ocupadas pelas tropas sírias e egípcias no sul do al-Andaluz.

**Medina** – Cidade islâmica. Trata-se de todo o conjunto formado pelo núcleo urbano (em que os bairros habitacionais eram demarcados pelos grupos étnicos) e pelos arrabaldes.

**Mesquita** – Templo destinado ao culto muçulmano.



**Mihrab** – Nicho situado no muro da quibla e que indica a direcção para Meca.

**Minarete** – Torre adossada à mesquita, de onde o almuadem chama os fiéis para a oração cinco vezes por dia.

**Moçárabes** – População cristã residente no al-Andaluz. A sua religião e culto eram tolerados pelos dominadores muçulmanos.

**Morábito/Marabuto** – Homem cuja existência era inteiramente dedicada à religião muçulmana. Os morábitos eram homens santos, que no Norte de África deram origem a muitas confrarias. Isolavam-se em pequenos ermitérios que geralmente atraíam discípulos e que davam origem a confrarias com maior ou menos número de aderentes.

**Mudéjar** – População muçulmana que ficou na Península Ibérica após a conquista cristã.

**Muladis** - Designação para as populações hispano-visigodas convertidas ao Islão no al-Andaluz.

**Muley** – Do árabe *Mawlay*. Significa "meu Senhor". Título frequentemente atribuído aos xerifes.

**Omíadas** - Dinastia dos califas de Damasco chacinada pelos Abássidas em meados do século VIII. A dinastia Omíada teve continuidade no al-Andaluz primeiramente como emirato e depois como califado em Córdova.

**Quibla** – Muro da mesquita voltado para Meca e onde se encontra o nicho denominado mihrab. Indica a direcção para onde

o muçulmano deve estar voltado para orar.

**Ribat** – Trata-se de um mosteiro fortificado. Era frequentemente construído próximo de zonas de fronteira e destinava-se a vigiar o território e os movimentos inimigos. Albergavam monges guerreiros que viviam em retiro espiritual.

**Silhar** – Material pétreo bem talhado e aparelhado. É frequentemente usado na construção de edifícios ou sistemas de carácter defensivo.

**Souk** – Mercado no interior da medina.

**Taifa** – Designação para os pequenos reinos independentes que surgiram no al-Andaluz após a queda da dinastia Omíada de Córdova. Houve ainda dois outros períodos de reinos taifas com efémera duração: um surgiu com o declínio do poder almorávida, o outro surgiu com o declínio do domínio almóada.

**Taipa** – Trata-se de um processo construtivo desenvolvido pelos impérios norte africanos no al-Andaluz e no Norte de África. As construções em taipa são caracterizadas pelo uso de terra enquanto material, à qual se junta cal e que é compactada pela utilização de taipais.

**Xerife** – A palavra *sarif* significa nobre, ilustre, pelo cargo ou nascimento e aplicou-se aos descendentes de Maomé. É frequente esta designação entre os líderes tribais das populações islamizadas do Norte de África.

**Xequé** – Do árabe *shayqh*. Significa chefe, ancião responsável.



## BIBLIOGRAFIA

ABDULLAH, Saeed, *Introdução ao Pensamento Islâmico*, Lisboa, Edições 70, 2010.

ALEMPARTE, Jaime Ferreira, *Costas de la Península Ibérica*, Madrid, Soc. Esp. Est. Medievales, 1999.

ÁLVARO SÁNCHEZ, Rócio, "Luces y sombras en el Faro musulmán. En torno a algunos aspectos de la tipología cerámica del sondeo 1/AO68/UE 101 del museo Faro", in *Xelb 9 – 6º Encontro de Arqueologia do Algarve*, Silves, Câmara Municipal de Silves, 2009.

ANÓNIMO, *Conquista de Lisboa aos Mouros em 1147*, Lisboa, Livros Horizonte, 2004.

AMARAL, Maria da Conceição, *Caminhos do Gharb – Estratégia de interpretação do património islâmico no Algarve: O caso de Faro e de Silves*, Faro, Comissão e Coordenação da Região do Algarve, s/d.

AZIZ, Philippe, *A Civilização Hispano-Mourisca*, Lisboa, Amigos do Livro, s/d.

BRITO, António Salustiano Lopes de, "A Tomada de Faro", in *Anais do Município de Faro*, N. XVII, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1987.

BURLLOT, Joseph, *Civilização Islâmica*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1990.

CALLISTO, Carlos Pereira, "A Praça de Guerra de Faro", in *Anais do Município de Faro*, N. XVII, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1987.

CATARINO, Helena, "A Ocupação Islâmica", in *História de Portugal Volume III - O Mundo Luso Romano (II) Portugal Medieval (I)*, Amadora, Ediclube, s/d.

- "Castelos Muçulmanos do Algarve", in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, 1997.

- *O Algarve Islâmico: roteiro por Faro, Loulé, Silves e Tavira*, Faro, CCR Algarve, 2002.

DE MAN, Adriaan, "Três Muralhas Urbanas e Alguns dos Seus Problemas", in *Revista al-Madan*, II série, Almada, Dezembro 2007.

COELHO, António Borges, *Portugal na Espanha Árabe*, Lisboa, Caminho, 2008.

- *Donde Viemos*, Alfragide, Caminho, 2010.

COUTINHO, Valdemar, *Centros Históricos de Influência Islâmica*, Portimão, Instituto de Cultura Ibero-Atlântica & Campo Arqueológico de Mértola, 2001.

DOMINGUES, José Garcia, *Aben Mafon e a Conquista do Algarve Pelos Portugueses na «Adh-Dhakhyra As-sanyya»*, Lisboa,

Comunicação apresentada ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, 1955.

- *Património Cultural Árabe Algarvio*, Lisboa, Casa do Algarve, 1956.

- *Ossónoba na Época Árabe*, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1972.

- *Portugal e o al-Andaluz*, Lisboa, Hugin, 1972.

- "Homens Célebres e Famílias Ilustres do Algarve na Época Árabe", in *3º Congresso do Algarve*, Lisboa, Racial Clube, 1984.

GALÁN, Juan Eslava, Caligas, *Guerreros, Esclavas y Eunucos – Los moros en España*, Madrid, Espasa, 2009.

GAMITO, Teresa Júdice, "Mil anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb", in *O Papel das Torres de Vigia na Defesa de Faro*, Lisboa, Edições Colibri, s/d.

- "A Ocupação Islâmica do Ocidente da Península – Vestígios de Ossónoba Árabe", in *III Jornadas de Silves - 20, 21, 22 de Outubro de 1995 – Actas*, Silves, Associação de Estudos e Defesa do Património Histórico-Cultural de Silves, 1997.

- "A cidade de *Ossonoba* e o seu território envolvente", in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, 1997.

- "Ukxûnuba and its territory", in *Portugal, Espanha e Marrocos – O Mediterrâneo e o Atlântico*, Faro, Universidade do

Algarve, 2004.

- *O Algarve e o Magreb*, Faro, Universidade do Algarve, 2007.

GARCIA, Cristina, "Cacela Velha no tempo de al-Idrisi a partir dos dados da arqueologia", in *Itinerários e Reinos – Uma Descoberta do Mundo, O Gharb Al-Andaluz na obra do geógrafo Al-Idrisi*, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António / Fundação al-Idrisi Hispano Marroquina, 2011.

GARCIA SANJUAN, "Território de Gharb al-Andalus – Contribucion para el estudio de la terminologia árabe medieval", in *Itinerários e Reinos – Uma Descoberta do Mundo, O Gharb Al-Andaluz na obra do geógrafo Al-Idrisi*, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António / Fundação al-Idrisi Hispano Marroquina, 2011.

GÓMES-MARTÍNEZ, Susana, "A Cerâmica no Gharb al-Ândaluz", in *Portugal Islâmico – Os Últimos Sinais do Mediterrâneo*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, s/d.

GONÇALVES, Célia & SILVA, Tânia, "O Período Islâmico em Faro – Resultados Preliminares", in *Xelb 9 – 6º Encontro de Arqueologia do Algarve*, Silves, Câmara Municipal de Silves, 2009.

HENRIQUES, António Castro, *Conquista do Algarve 1189-1249*, Lisboa, Tribuna da História, s/d.

HERCULANO, Alexandre, *História de Portugal - Volume II - Desde o começo da Monarquia até ao fim do Reinado de*

*Afonso III*, Lisboa, Bertrand Editora, 2008.

IRIA, Alberto, "Faro em 1349 – por José António Pinheiro e Rosa, à guisa de prefácio – pelo Dr. Alberto Iria", in *Anais do Município de Faro*, Vol.XV, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1985.

KENNEDY, Hugh, *Os Muçulmanos na Península Ibérica – História Política do Al-Andaluz*, Mem-Martins, Publicações Europa-América, 1999.

LAMEIRA, Francisco, *Faro - A Arte na História da Cidade*, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1999.

LARANJINHA, Natália, "A Poesia no Séc. XI: O exemplo de ibn Harun", in *Anais do Município de Faro*, Vol. XXVI, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1996.

LAVAJO, Joaquim Chorão, "A Crónica do Mouro Rasis e a historiografia portuguesa medieval", in *Estudos Orientais II – O Legado Cultural de Judeus e Mouros*, Lisboa, Instituto Oriental, 1991.

LEWIS, Bernard, *Os Árabes na História*, Lisboa, Estampa, 1982.

LEMOS, Aboim Sande, "Santa Maria de Ossónoba", in *Anais do Município de Faro*, N° XXV, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1995.

LOPES, David, "O Domínio Árabe", in *História de Portugal*, Vol. I, Barcelos, Portucalense Editora, 1928.

- "Faro no Século XI", in *Anais do Município de Faro*, N° XIII, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1983.

LOPES, Francisco Fernandes, *A Música das Cantigas de Santa Maria e Outros Ensaio*s, Olhão, Câmara Municipal de Olhão, 1985.

MACHADO, José Pedro, "Ensaio sobre Faro nos tempos árabes", in *Anais do Município de Faro*, Nº II, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1970.

MACIAS, Santiago, "Casas Urbanas e Quotidiano no Gharb al- andaluz", in *Portugal Islâmico – Os Últimos Sinais do Mediterrâneo*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, s/d.

- "Entre o Algarve e a Serra", in *Terras da Moura Encantada*, Porto, Civilização, 1999.

MANTAS, Vasco Gil, "As Civitates: Esboço da Geografia Política e Económica do Algarve Romano", in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, 1997.

- "Os Caminhos da Serra e do Mar", in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, 1997.

MARINHO, José Rodrigues, "Testemunhos Numismáticos do Algarve Muçulmano", in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, 1997.

MARTÍNEZ SANZ, José Luis, *Vida y Costumbres en Al – Andaluz – Los Árabes en España*, Madrid, Perymat Libros, 2007.

MARTINS, Miguel Gomes, *De Ourique a Aljubarrota – A Guerra na Idade Média*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2011.

MAGALHÃES, Natércia, *O Legado Arquitectónico Islâmico no Algarve – El Legado Arquitectónico Islâmico en el Algarve*, Faro, Instituto Português do Património Arquitectónico, s/d.

- Algarve - Castelos, Cercas e Fortalezas, Faro, Letras Várias, 2008.

MARQUES, A. H. de Oliveira, *História de Portugal - Volume I - Das Origens ao Renascimento*, Lisboa, Editorial Presença, (12ª edição) Abril 2012.

MASIÁ, Concha, *Al-Andalus – 800 Años de Lucha*, Madrid, Albor Libros, 2010.

NUNES, M. C. Vieira Calado Teixeira, "Faro: O Passado e o Presente Muçulmano", in *Anais do Município de Faro*, N. XVII, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1987.

PAULA, Rui M. & PAULA, Frederico, Faro, *Evolução Urbana e Património*, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1993.

PAULO, Dália, "As sondagens Arqueológicas Realizadas na Antiga Fábrica da Cerveja de Faro", in *Anais do Município de Faro*, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1999/2000.

PEREIRA, Angelina, "Terra Sigillata do Largo da Sé – Faro", in *Anais do Município de Faro*, Vols XXXI – XXXII, Faro, Câmara Municipal de Faro, 2001-2002.

PÉRES MACÍAS, Juan Aurélio & ROMERO BOMBA, Eduardo, *IV Encuentro de Arqueología del Surueste Peninsular*, Huelva, Universidad de Huelva, 2010.

PESSANHA, Fernando, - "Câmara Municipal de Faro desvaloriza Património Arqueológico", in *Jornal do Algarve*, N°2801, Dezembro de 2010.

- "A Singularidade Patrimonial do Algarve", in *Jornal do Baixo Guadiana*, N° 13, Abril de 2011.

- "O Algarve nas Fontes da Antiguidade", in *Jornal do Baixo Guadiana*, N° 133, Junho de 2011.

- "D. Paio Peres Correia – Enterrado em Nuestra Señora de Tentuia ou em Santa Maria do Castelo?", in *Jornal do Baixo Guadiana*, N°137, Outubro de 2011.

- "Alcoutim, Terra com História", in *Jornal do Baixo Guadiana*, N° 139, Dezembro de 2011.

- "Ainda sobre a figura de D. Paio Peres Correia...", in *Jornal do Baixo Guadiana*, N°146, Julho de 2012.

- "O início do domínio islâmico no Algarve (Foi há 1300 anos...)", in *Jornal Postal do Algarve*, N°1085, 3 de Agosto de 2012.

PIMENTA, Maria Cristina, *Guerras no Tempo da Reconquista 1128 – 1249*, Matosinhos, Quidnovi, 2008.

ROLDÁN CASTRO, Fátima, *El Occidente de Al-Andaluz – en el Atar al-bilad de Al-Qazwini*, Sevilla, Ediciones Alfar, 1990.

ROSSA, Walter, "A Cidade Portuguesa", in *História da Arte Portuguesa – Volume 8 – Neoclassicismo e Romantismos (século XIX)*, Lisboa, Circulo dos Leitores, 2007.



SÁNCHEZ MANTERO, Rafael, *Historia Breve de Sevilla*, Sílex Ediciones, 1992.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal - Volume I - Estado Pátria e Nação (1080 – 1415)*, Lisboa, Editorial Verbo, 2001.

SIDARUS, Adel, "A islamização religiosa do extremo Gharb Al-Andaluz (séculos VIII – X)", in *Portugal, Espanha e Marrocos – O Mediterrâneo e o Atlântico*, Faro, Universidade do Algarve, 2004.

SOUSA, Maria José Nobre de, "A Defesa Islâmica da Ria Formosa", in *Anais do Município de Faro*, Vols XXXIII/XXXIV, Faro, Câmara Municipal de Faro, 2003/2004, pp.103-157.

STERLIN, Henri, *Islão – De Bagdad a Córdova, A Arquitectura Primitiva do século VII ao século XIII*, Taschen, 2009.

TAHIRI, Ahmed, *Cacela e o seu poeta Ibn Darraj al-Qastalil na História e Literatura do Al-Andaluz*, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António / Fundación al-Idrisi Hispano Marroquí para la Investigación Histórica, Arqueológica y Arquitectónica, s/d.

- "Gharb al-Magreb e al-Andaluz nos itinerários geográficos", in *Itinerários e Reinos – Uma Descoberta do Mundo, O Gharb Al-Andaluz na obra do geógrafo Al-Idrisi*, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Vila Real de Santo António / Fundação al-Idrisi Hispano Marroquina, 2011.

- *Fath al-Andalus y la incorporación de Occidente a Dar al-Islam*, Centro Cultural Islámico de Valencia / Fundación

al-Idrisi Hispano Marroquí, Grafisa, 2011.

THOMSON, Ahmed & UR-RAHIM, M. Ata, *Historia del Genocidio de los Musulmanes, Cristianos Unitários y Judíos en España*, Granada, Junta Islámica – Centro de Documentación y Publicaciones, 1993.

TORRES, Cláudio & MACIAS, Santiago, *O Legado Islâmico em Portugal*, Lisboa, Circulo dos Leitores, 1998.

- "A Arte Islâmica no Ocidente Andaluz", in *História da Arte Portuguesa - Volume I – Da Pré-História à Arte Islâmica no Ocidente Andaluz*, Lisboa, Círculo dos Leitores, 2007.

TORRES, Cláudio, "O Al Garbe", in *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, 1997.

- "La civilization andalouse, la tradition méditerranéenne et la tolérance", in *Portugal, Espanha e Marrocos – O Mediterrâneo e o Atlântico*, Faro, Universidade do Algarve, 2004.

VIEGAS, Libertário dos Santos, "A Tomada de Faro", in *Anais do Município de Faro*, Vol.XV, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1985.

VIANA, Abel, "Ossónoba – O problema da sua localização", in *separata do Volume LXII da «Revista Guimarães»*, Guimarães, 1952.

## IMAGENS

**Fig. 1** - Fachada do antigo matadouro municipal. Foto: Fernando Pessanha, 2012.

**Fig. 2** - Fachada do edifício do Banco de Portugal. Foto: Fernando Pessanha, 2012.

**Fig. 3** - Localização de Uxônuba, a antiga Ossónoba romana. Imagem retirada de: GAMITO, Teresa Júdice, *O Algarve e o Magreb*, Faro, Universidade do Algarve, 2007, p.20.

**Fig. 4** - Vista aérea do centro histórico de Faro. (On line), (Extraído em 8 de Dezembro de 2010), disponível em: [http://www.casacharneca.com/alllanguages/graphics/foto/landscape/500/faro\\_air.jpg](http://www.casacharneca.com/alllanguages/graphics/foto/landscape/500/faro_air.jpg)

**Fig. 5** - Muralha do castelo e torre semi-cilíndrica. Foto: Dora Nunes, 2012.

**Fig. 6** - Muralha do castelo e torre semi-cilíndrica. Foto Dora Nunes, 2012.

**Fig. 7** - Espaço correspondente à antiga mesquita islâmica. Foto: Fernando Pessanha, 2012.

**Fig. 8** - Espaço correspondente à antiga alcáçova islâmica. Foto: Fernando Pessanha, 2012.

**Fig. 9** - A antiga medina de Faro. Escavações arqueológicas dirigidas por Teresa Gamito: 1-Horta da Misericórdia; 2-Quintal da Judiciária; 3-Arco da Vila. Imagem retirada de: GAMITO, Teresa Júdice, *O Algarve e o Magreb*, Faro, Universidade do Algarve, 2007, p.42

**Fig. 10** - Arco do Repouso. Foto: Dora Nunes, 2012.

**Fig. 11** - Arco do Repouso. Foto: Fernando Pessanha, 2012.

**Fig. 12** - Arco do Repouso, Foto: Fernando Pessanha, 2012.

**Fig. 13** - Jarro islâmico. Fotografia cedida pelo Departamento de História, Arqueologia e Património da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade do Algarve.

**Fig. 14** - Pote Islâmico. Fotografia cedida pelo Departamento de História, Arqueologia e Património da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade do Algarve.

**Fig. 15** - Candis Islâmicos. Fotografia cedida pelo Departamento de História, Arqueologia e Património da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade do Algarve.

**Fig. 16** - Fotografia parcial das estruturas descobertas na Horta da Misericórdia. Fotografia cedida pelo Departamento de História, Arqueologia e Património da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade do Algarve.

**Fig. 17** - Torre albarrã. Foto: Dora Nunes, 2012.

**Fig. 18** - Torres avançadas. Foto: Dora Nunes, 2012.

**Fig. 19** - Torres avançadas e entrada lateral. Dora Nunes, 2012.

**Fig. 20** - Quintal da Judiária. Fase final das escavações. Imagem retirada de: GAMITO, Teresa Júdice, *O Algarve e o Magreb*, Faro, Universidade do Algarve, 2007, p. 62.

**Fig. 21** - Candil de Bronze descoberto no Quintal da Judiária. Imagem retirada de: GAMITO, Teresa Júdice, *O Algarve e o Magreb*, Faro, Universidade do Algarve, 2007, p. 63.

**Fig. 22** - Arco da Vila. Foto: Fernando Pessanha, 2012.

**Fig. 23** - Arco ultrapassado, Foto: Dora Nunes, 2012.

**Fig. 24** - Planta seiscentista das muralhas onde se distingue a entrada em cotovelo. Imagem retirada de: LAMEIRA, Francisco, *Faro - A Arte na História da Cidade*, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1999, p.21.

**Fig. 25** - Cerâmicas islâmicas. Foto: Fernando Pessanha, 2012.

**Fig. 26** - Candis islâmicos. Foto: Fernando Pessanha, 2012.

**Fig. 27** - Cerâmica islâmica. Foto: Fernando Pessanha, 2012.

**Fig. 28** - Cerâmicas islâmicas. Foto: Fernando Pessanha, 2012.

**Fig. 29** - Lápide funerária. Foto: Fernando Pessanha, 2012.

**Fig. 30** - Lápide funerária. Foto: Fernando Pessanha, 2012.

**Fig. 31** - Lápide comemorativa. Foto: Fernando Pessanha, 2012.

**Fig. 32** - Representação da cidade de Faro nas Cantigas de Santa Maria de Afonso X de Leão e Castela. Imagem retirada de: LAMEIRA, Francisco, *Faro - A Arte na História da Cidade*, Faro, Câmara Municipal de Faro, 1999, p. 23.



